

Revista do Ensino

ORGAM OFFICIAL

DA DIRECTORIA DA INSTRUCCÃO

ANNO I

Bello Horizonte, — Dezembro de 1925

N.º 9

SUMMARIO

Ensinando com intelligencia.—A mentira na escola, por Lucio José dos Santos.
—Phrases que tracam rumo.—O valor educativo do vocabulario, por Claudio Brandão.
—Não se devem matar os passaros.—Agrupações que dão vida e eficiencia ao ensino.—O valor da musica na escola.—Lyra de Gonzaga ao visconde de Barbacena, por Thomaz Brandão.
—Contos infantis: O verdadeiro patrio-

tismo.—Qualidades que deve ter uma creança que termina o curso do grupo escolar.—A vida de D. Pedro II é um livro, por Gustavo Penna.—A vida de leitura nos grupos escolares.—Premiando o trabalho dos professores.—Lição de lingua patria.—A vingança de Anhanya.—As mentiras infantis.—Para dar um fremito de vida ao ambiente escolar.

Ensinando com intelligencia

UM PROCESSO QUE PODE SER SEGUIDO EM TODOS OS GRUPOS E ESCOLAS DO ESTADO

O sr. secretario do Interior, visitando recentemente o grupo Affonso Penna, desta Capital, teve oportunidade de assistir a algumas aulas, em que o ensino é feito pelo chamado processo de dramatização, já adoptado tambem em outras das nossas casas de ensino.

É um modo interessante e intelligente de leccionar. Os alumnos conversam sobre o assumpto da lição, como se estivessem representando.

Mas isto com uma simplicidade e uma naturalidade encantadoras.

São diversas e magnificas as vantagens deste processo: as aulas tornam-se mais agradaveis; os alumnos na sua unanimidade participam da lição e são obrigados a ter a sua attenção constantemente voltada para o assumpto da aula; melhora-se consideravelmente a dicção do alumno; augmenta-se-lhe o desembaraço e a vivacidade; a disciplina fica sendo absoluta, integral, porque nenhum dos alumnos poderá manter-se distraído ou inadvertido durante a aula.

O proprio professor lecciona com mais prazer e toda a sala transmite, no momento, uma impressão muito clara de intelligencia e de vida.

Publicamos a seguir uma destas admiraveis lições, a qual nos foi fornecida pela professora d. Salomé Penna, directora do grupo Affonso Penna:

CLASSE DO QUARTO ANNO

Palestra sobre os pontos «Systemas planetarios», «Phases da Lua» e «Eclipses»:

Tacito — Renato, hontem quando passeava na praça vi cahir uma estrella.

Renato — Isso é cousa muito commum.

Nair — Eu tambem já vi cahir uma estrella e fiquei apavorada.

Darcy Gomes — Que tolice!

Nair — E' facto! Tive medo que ella cahisse sobre a nossa casa e a incendiasse.

Alvaro Freitas — Nebagil, você que é dado a estudos de astronomia, bem podia explicar-nos esse phenomeno.

Nebagil — As estrellas que caem chamam-se estrellas cadentes. Vemos, ás vezes, desprender-se do céu uma estrella e julgamos que vai cahir.

Attila — Mas ella desaparece após uma carreira vertiginosa.

Nebagil — Justamente. Devem ser corpos solidos, pois apparecendo a 120 km. e desaparecendo a 80 km. não poderiam penetrar tão profundamente na atmosphera da Terra, si fossem de natureza gazosa. Dizem que as estrellas cadentes são pedrões ou desaggregações de cometas, mas nenhuma irá incendiar a casa de Nair.

Iruan — Não é verdade que as estrellas cadentes apparecem mais frequentemente nos mezes de Agosto e Novembro?

Nebagil — Sim. Do dia 11 a 13 desses mezes.

Ruy Castro — Os bolides são meteoros luminosos, que vagueiam no espaço e atravessam, ás vezes, a nossa atmosphera...

Odete — E, ás vezes, caem na Terra.

Petronilla — Lá temos no Museu Nacional um bello exemplo — o Bendengó.

Eros — Dizem que cahiu no sertão da Bahia.

Manoel Campos — São massas metallicas...

M. José — Estamos perdendo o tempo com meteoros luminosos.

Gerson — E' verdade.

Adhemar — Falemos do Sol, o centro do systema planetario.

Ruy Lessa — A fonte de movimento, luz, calor...

Adhemar — E vida.

Manoel Campos — Sol, quer dizer, o unico, o astro por excellencia.

Yolanda — Dizem que o Sol executa dois movimentos: o de «rotação» levando vinte e cinco dias a fazer essa viagem, e o de «translação».

Carlos Paladini — Mas esse é pouco perceptível. Alvaro Ozorio — Sim. Dizem que fazendo esse movimento, elle se dirige para um ponto da cõa traçado pela constellação de Hercules.

Yolanda — A luz do Sol leva oito minutos para chegar á Terra, caminhando setenta e cinco mil leguas por minuto.

Elza — E' interessante. Ouvi dizer que todos os planetas giram em torno do Sol.

Myriam — E os cometas tambem.

Tacito — Os cometas não têm luz propria, não é verdade, Rita?

Elza — E' o Sol que lhes empresta a luz.

Eros — Os planetas são: Mercurio, Venus, Terra, Marte, Jupiter, Saturno, Urano e Neptuno.

Paulo — Ouvi dizer que os planetas têm, como a Terra, os seus satélites.

Manoel Campos — E contam-se mais de quinhentos pequenos planetas ou asteroides apenas entre Marte e Jupiter.

Rita — Que immensidade, Santo Deus!

Gerson — Esses pequenos planetas circulam todos entre Marte e Jupiter.

Petronilla — A palavra «planeta» quer dizer «errante».

Myriam — Sua luz é pallida e suave e bom differença da luz das estrellas.

Luzinha — Ah! essas são luz propria.

João Irman — E mudam constantemente de brilho e de côr.

Lilie — Parece que pestanejiam.

Renato — Cada estrella é um novo sol.

Atilla — Estão muito distantes de nós, felizmente.

Alvaro Ozorio — Contam-se mais de cem constellações.

Ruy Lessa — Para mim, a mais bella é a do Cruzeiro do Sul.

Pecio — Sirius é a mais bella estrella do ceo.

Adhemar — Nebagil gosta muito de observar, á noite, a Via Lactea.

Paladini — A Via Lactea é uma nebulosa.

Tacito — Dizem que são milhares de estrellas e muitas ainda em formação.

Alvaro Ozorio — Ha uma mancha escura na Via Lactea.

Ruy Castro — E a essa mancha escura dão os astrónomos o nome de «saco de curvão».

Elza — Os cometas tambem giram em torno do Sol.

Myriam — Mas descreverão uma ellipse muito alongada.

M. José — Quando penso que o cometa de 1861 roçou ligeiramente a Terra...

Eros — Com a sua cauda colossal de mais de um milhão de leguas...

M. José — Tenho medo...

Adhemar — Isso não me preocupa.

Paladini — Os povos antigos tinham verdadeiro horror aos cometas.

Adhemar — Acreditavam que esses viajantes vinham annunciar grandes desgraças.

Ruy Lessa — Um dos cometas mais celebres é o de Halley.

Octaciano — Ha grande quantidade de cometas no ceo.

Petronilla — Mas nem todos podem ser observados a olhos desarmados.

Nebagil — Os cometas compõem-se de tres partes distinctas: um ponto central e brilhante chamado «nucleo» rodeado de uma aureola vaporosa a «cabellera» e prolongada por um rastrro luminoso a «cauda».

M. José — E' o vestuario de gala com que se adorna este astro para se apresentar ao sol.

Jurcey — Elles apparentam grande belleza.

Rita — Mas isto se dá quando estão, mais ou menos, proximos ao sol.

Adhemar — Afastados do Sol, elles perdem esse aspecto brilhante e podem ser comparados a um pedaço de gaze ou a uma pequena nuvem.

Nair — Fizemos um grande passeio pelo ceo.

Yolanda — E' verdade. Travámos conhecimento com grande numero de astros.

Adhemar — Mas, para completar o nosso passeio, vamos falar tambem da Lua, suas phases e dos Eclipses.

Alvaro Freitas — Apesar de se dar á Lua a denominação de «astro da noite», ha noites em que ella não apparece no ceo.

Atilla — Você quer dizer que nem sempre está á nossa disposição como um pharol acceso.

Alvaro Freitas — Sim, nessas noites, não a distinguimos porque está em conjunção com o Sol, isto é, entre este astro e a Terra.

Tacito — Nesses dias a Lua nasce e occulta-se com o Sol.

M. José — Mas pouco a pouco, vemos illuminar-se seu bordo como uma estreita faixa de luz.

Eros — Chama-se esta phase «lua nova».

Elza — Si a Lua se apresentasse sempre com essa forma, ninguém acreditaria que é esphérica.

Gerson — E' exacto.

Paulo — A' medida que va seguindo o seu curso.

Rita — Na quarta ou na quinta noite, após a conjunção, assemelha-se a uma talhada de melão ou de melancia.

Nair — No setimo dia, temos o quarto crescente.

Odete — Continuando o seu curso, de oeste para leste, va mostrando-nos, cada vez mais, a sua face illuminada.

Paulo — No decimo quinto dia, temos a lua cheia e, nessa occasião, ella brilha com todo o esplendor.

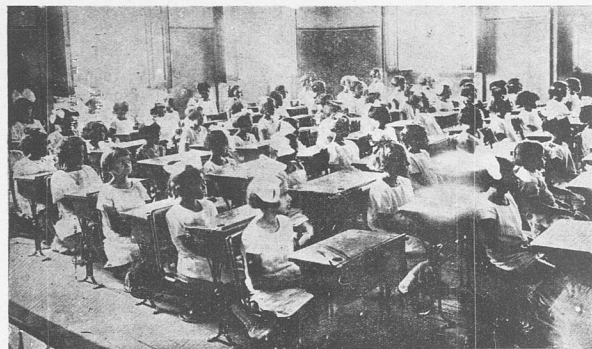
Adhemar — Está em opposição ao sol. Quando elle se deita, ella se levanta.

Ruy Castro — Em seguida, va, pouco a pouco, diminuindo... E' a minguinta.

Yolanda — E desaparece por fim, depois de ter feito uma volta de sua eterna viagem, em torno da Terra.

Renato — Sem ter um segundo de descanso.

Nair — Dura esse passeio circular 29 dias e meio e é o que se chama uma luação.



Aula das escolas primarias annexas á Escola Normal Modelo

Alvaro Ozorio — Dizem que o que vemos na Lua é S. Jorge montado a cavallo.

Paladini — Você acredita nisso?

Ruy Lessa — Na Lua não pode haver habitantes porque lá não ha atmosphera nem agua.

Ruy Castro — O que observamos na Lua são crateras de vulcões extinctos e altas montanhas.

Eros — Algumas já foram medidas da Terra.

Gerson — As mais elevadas vão além de sete mil metros.

Manoel Campos — A Lua apresenta tres movimentos reaes:

o movimento sobre si mesma que executa em 27 dias; o movimento de revolução em torno da Terra e em torno do Sol, juntamente com a Terra.

Rita — A Lua é um globo frio, obscuro, que não produz luz e não tem outra claridade senão a que recebe do astro do dia.

Gerson — Seria um astro desconhecido para si a luz do Sol não a illuminasse.

Odete — Falemos agora dos eclipses.

M. José — Isso é coisa complicada.

Odete — Não é tal.

Nair — Os eclipses fazem lembrar-nos um jogo ás escondidas onde brincam o Sol, a Lua e a Terra.

Manoel Campos — Que tres! Si elles se encontram...

M. José — Estamos perdidos!

João Irman — Quando a Lua, em seu giro, se colloca entre o Sol e a Terra, não deixa chegar até nós os raios do Sol.

Ruy Castro — A claridade do dia diminue e temos o eclipse do Sol.

Silio — Eclipse quer dizer desaparecimento apparente de um astro pela interposição de outro corpo celeste.

Eros — Quando a Terra passa entre o Sol e a Lua, não deixa chegar á Lua os raios do Sol.

Darcy Aguilhar — E nesse caso temos o eclipse da Lua.

João Irman — Os povos antigos, quando presenciavam um eclipse, ficavam aterrorizados.

Rita — E' porque não conheciam a razão desse phenomeno.

Tacito — Os eclipses do Sol e da Lua succedem-se, geralmente, depois de um intervalo de dezoito annos e onze dias.

Ruy Lessa — Mas não são visiveis em todo o globo.

Odete — A 1 de Março de 1504, um eclipse total da Lua salvou Christovão Colombo de morrer de fome na Jamaica.

Os indios revoltados negavam-lhe todo o alimento.

Rita — E' exacto. Mas Colombo que era um grande astrónomo e sabia que, naquella noite, haveria um eclipse, ameaçou os selvagens de privar-os, para sempre, da luz desse astro.

Alvaro Ozorio — Aos primeiros signaes do eclipse, os indios, tomados de grande medo, prostraram-se aos pés de Colombo, dando-lhe tudo o que exigia.

M. José — Falámos durante 10 minutos, demos um grande passeio pelo ceo, mas estão certos os pontos «Systemas planetarios», «Phases da Lua» e «Eclipses».

PEDAGOGIA

A MENTIRA NA ESCOLA

Por LUCIO JOSÉ DOS SANTOS

MENTIR é fallar contra o testemunho da sua própria consciencia, com o intuito de enganar.

Mente, pois, o proprio individuo que diz uma verdade, convencendo, porém, de que a ella está fallando.

Até que ponto vai a mentira na escola?

Algumas pessoas exaggeraram a significação e a importancia da mentira escolar, e vão ao ponto de consideror o ambiente da escola como um dos mais propícios á formação e alimentação desse feio vicio.

O regimen do terror muitas vezes estabelecido pelo professor e, infelizmente, ainda não de todo extirpado das nossas escolas, constitue o factor principal da mentira infantil na escola. Premida pelas circunstancias, apavorada com a perspectiva do castigo, defende-se a criança mentindo.

Ora, a repetição continuada da mentira acaba deformando a mentalidade e a tornando de certo modo indifferente em relação á verdade.

É um facto de observação que as pessoas acostumadas a contar mentiras, mesmo innocentes, facilmente acabam numa especie de desorientação em materia de veracidade, não conseguindo mais penetrar nos acontecimentos e apontar o fio da verdade. Começam por não ser acreditados, mesmo nas cousas serias, e, para se fazerem de verídicos, mentem ainda mais.

Entretanto, na escola, não se devem tomar as cousas tanto assim no tragico.

Vamos examinar o assumpto, valendo-nos do excellento estudo de Forster, já tantas vezes aqui citado. (*)

Ha uma pedagogia que não sabe impedir ou antes fomenta o progresso da mentira infantil, a pedagogia que se baseia numa philosophia abstracta, numa psychologia estranha á vida infantil. De um regimen antinatural só pode proceder a mentira.

Provocada e facilitada a eclosão da mentira, essa pedagogia emprega, para corrigil-a, meios absolutamente inadequados.

A repressão pura o simples da mentira contribue quasi sempre para agravall-a, tornando-a mais subtil, direi mesmo — mais sabia, e, portanto, mais perigosa.

Na criança, porém, não é a mendacidade necessariamente a prova de vilania.

Ha, tempos, o instituto de psychologia infantil, de Berlin, fez um vasto inquerito sobre o assumpto, conseguindo resultados interessantes.

Ha mentiras que a criança diz, porque está convencida de não ser crida, si exprimir a verdade. Faltou-lhe, pois, a coragem de arrastar a opinião dos outros.

Podem-se classificar as mentiras infantis em *phantasistas, pathologicas, heroicas e epistolas*. Em geral, a maior parte das mentiras na criança pertencem á primeira categoria. Eis porque, como dissemos, não se deve considerar como muito grave, em geral, a mentira escolar.

A significação completa da veracidade é cousa ainda bastante longe do espirito da criança. Fallando, não está geralmente a criança senão pensando em voz alta, exteriorizando a sua phantasia. Parece, ás vezes, que a criança está mentindo quando está apenas fallando consigo mesma, para exercitarse na arte de fallar.

Não se deve, porém, abandonar completamente a criança nesse caminho, pois facilmente poderá ella viciar-se, embora não seja essa mentira, inicialmente, um symptom de mau caracter. A correção é facil, e consistirá em fazer ver á criança o seu equivoquo, rectificar-lhe as noções, mostrar os inconvenientes da inexactidão, e sobretudo exercitar a sua attenção. Muitas vezes, a falta á verdade é o resultado da falta de attenção.

Forster cita o caso seguinte: Um professor collocou sobre a sua mesa — uma caneta, um canivete e um pedaço de giz, de modo que, durante a aula, fossem perfectamente vistos pelos alumnos. Após a aula, retirou esses objectos e interrogou os alumnos sobre o que tinham visto na mesa.

Apenas dous affirmaram ter visto um canivete. No dia seguinte, nada pôz sobre a mesa, e interrogou novamente os alumnos: 26% tinham visto um canivete, 67% um pedaço de giz, e 63% uma caneta. (**)

A mentira pathologica resulta de que a capacidade do individuo de distinguir entre as imagens da sua phantasia e o mundo exterior está doctamente perturbada.

A mentira phantastica pode, com o abuso, dar na pathologica, acabando o individuo por acreditar nas proprias mentiras.

O assumpto é mais do dominio da psichiatría. A cura da criança na propria escola não é facil, exigindo-se um tratamento especial.

(*) Schule und Character.

(**) Ha dias, publicou o professor dr. Juliano Moreira, n.º O Paiz, um estudo interessante sobre a psychologia do teet-munho.

A mentira heroica é a que procede de motivos nobres. Muitas vezes, uma criança mente para encobrir a falta de outra, tomando-a sobre si. Embora seja nobre o motivo, deve-se combater essa mentira, procurando convencer o alumno da absoluta superioridade da exactidão, devendo a verdade ficar acima de tudo.

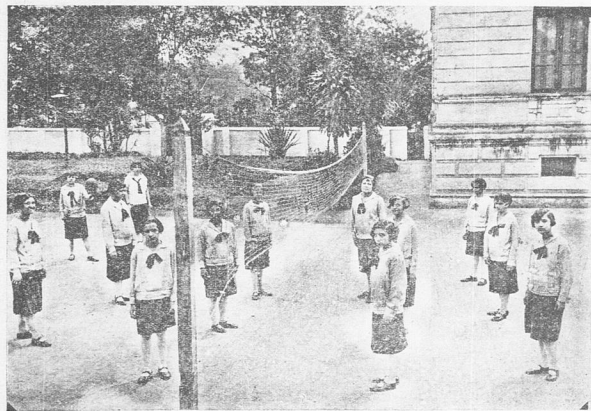
A confiança que o alumno deve ter em relação a si mesmo e para com o mestre não é incompativel com a obediencia. Tudo depende da capacidade do professor em guiar e orientar os seus alumnos.

Um professor interroga os alumnos, em classe,

sobre qual d'elles commetteu determinada falta. Responde um: «Direi quem foi, com a condição, porém, de não ser elle castigado.»

O professor não poude ficar satisfeito com essa proposta, e interrogou novamente. Responde outro alumno: «Sei de quem se trata, mas peço permisso para não nomeal-o agora, e vou conseguir que elle mesmo se declare». Essa proposta foi applaudida pelo professor e pelos outros alumnos.

Temos finalmente a mentira egoistica, a peor de todas e, infelizmente muito commum. Sobre ella diremos mais tarde.



Dois teams de Volley-Ball— Alumnas do I e II anno da Escola Normal Modelo

PHRASES QUE TRAÇAM RUMOS

ALPHABETO PARA PROFESSORES

A revista americana *Popular Educator* publicou recentemente uma serie de maximas ou de conselhos, em numero egual ao numero de letras do alphabeto.

São phrases especialmente traçadas para professores, e que merecem, portanto, uma transcrição nesta revista:

A—A pessoa educadora deve ter bom coração, coragem serena e vontade inabalvel.

B—Basta, ás vezes, que um menino seja tardo, para ser considerado estúpido. E' um erro.

C—Character é uma das principaes qualidades para um professor.

D—Devem os professores servir de guia aos alumnos.

E—E' necessario saber que a imaginação das crianças é uma das forças mais aproveitadas na educação.

F—Fazer com que vosso trabalho mostre intelligencia, providencia vigilante e preparo que não se poutja.

G—Ganhais a confiança de vossos alumnos e conservae-a, merecendo-a.

H—Honras e louvores devem ser dispensados àquelles que o merecerem, pois servem de estímulo.

I—Impõe-se ao professor o dever de aplicar a lei da emulação entre os alumnos.

J—Julga com acerto quem diz que é tão difficil praticar a medicina sem conhecer o corpo humano, como ensinar sem conhecer as crianças.

K—Kant põe acima de tudo, a lei do dever. Que o professor faça o mesmo.

L—Lealmente, procurem grangear a estima de vossos discipulos e de seus paes.

M—Muita comprehensão entre o mestre e o alumno, é uma necessidade.

N—Nunca humilheis um discipulo atizado.

O—O professor que se aproveita de toda a oportunidade, será bem sucedido.

P—Propriedades magnéticas pessoais são, afinal de contas, apenas bom senso, trabalho arduo, e conhecimento da natureza humana.

Q—Quem reprende muito, enfraquece sua autoridade.

R—Recommenda-se que se ensine a ler e a exprimir-se verbalmente ao mesmo tempo.

S—Sempre o canto dá idéa de bom gosto e deve ensinar-se nas escolas.

T—Trata de conquistar os corações de vossos discipulos, para poderdes, então, dominá-los o espirito.

U—Utilização de dias especiais é digno de consideração.

V—Varias vezes, julga-se estupidéz o que é apenas um defeito da vista ou do ouvido.

W—Washington, desde criança, nunca mentiu. Este exemplo deve ser inculcado aos alumnos.

X—Xenophonte dizia que devia tudo a seu fiel professor Socrates.

Y—Ypiranga deu a independencia politica, a educação dará a independencia moral.

Z—Zelo justamente applicado pelo professor, em seu trabalho, é mil vezes mais prodcente do que um gofite.

O valor educativo do vocabulario

A ESCOLA PROPORCIONA UM CONVIVIO INTELLIGENTE ENTRE MESTRES E DISCIPULOS

Por CLAUDIO BRANDÃO

II

ATTENTA a vastidão do lexico, a norma fundamental para quem pretende ensinar-o é escolher criteriosamente os termos mais correntes no falar quotidiano e mais frequentes na linguagem litteraria. Munição de tão valioso instrumento educativo, deve o professor utilizal-o, antes de tudo, para organizar, dirigir e robustecer as facultades de seu discipulo, ministrando-lhe, em doses racionaes e bem calculadas, idéas exactas e palavras justas. Accomode as lições ao grau médio de intelligencia da classe a seu cargo, dando-lhe, com precisão e sobriedade, as noções de que necessita e abstendo-se de querer tudo explicar, pois seria isto tarefa cansativa e infructifera.

Ha varios processos de ensinar-se o vocabulario, mórmente em aulas adelantadas. Cada professor, bem pôde, pela pratica, pela observação, pelo typo professional, crear os seus o dicta e um artistico, e a arte é muito individual. Mas todos elles se basam nos tres meios que a pedagogia sempre considerou os mais suaves e efficientes, a saber, a conversação, a leitura e a composição.

A conversação é veicelo riquissimo, quando a

pericia do mestre sabe exploral-o; porque, representando a via normal e espontanea de communicação entre os homens, não reclama os esforços necessarios aos outros meios dos quaes se servem para isso.

Mobilizando o vocabulario concernente a um assumpto alcançavel pela observação da criança ou capaz de suscitar-lhe a curiosidade e o interesse, como, por exemplo, a casa, a rua, a escola; os phenomenos atmosphericos, os trabalhos campestres, etc, terá o professor ensenjo, não só de instruir a sua classe, multiplicando e fixando noções e vocabulos de real utilidade, mas ainda de educal-a, ordenando e regendo o funcionamento do psychismo infantil.

Empregará, para isso, com tacto e moderação associações ideologicas e verbaes sequentes e bem comprehendidas, fazendo resultar as relações de espaço, tempo, causalidade, causalidade, finalidade, tempo, espaço, etc, e procurando mediante perguntas logicas e claras, desenvolver gradativamente em seus discipulos os processos mentaes superiores — comparação, generalização, abstracção.

Para terem plena proficiencia, cumpre dar aos exercicios de conversação a maxima naturalidade.

Nelles o professor, exercendo um papel principalmente directivo, esforçar-se-á para formar o que se poderia chamar o *dialogismo* do alumno, isto é, o poder e o saber conversar, dote precioso na vida pratica e no convivio social.

Exite excessivamente crear mentalidades passivas e parasitarias, incapazes de idéas e de concepções proprias. Avolumando a provisão lexical opifinas como dogmas inatngiveis definidos pela sua infallibilidade preceptoral. Ao contrario, deve acolher, com doçura e alegria, as objecções, as perguntas tendentes a esclarecer ou contrariar uma affirmação sua, deve até provocal-as, pois são, muitas vezes, indicios de um entendimto robusto e autonomo, em que se delineia uma virão propria das cousas.

Cultivemos zelosamente na criança a espontaneidade, a pessoalidade da expressão, a originalidade dos conceitos, ampliando e aprofundando sempre dons tão preciosos. Para scrirelogo apagar a fama, não debla ainda de uma personalidade que desjoia e que, no futuro, venha talvez a irradiar beneficas scintillações de talento e de caracter.

Os exercicios de conversação temem ser inspirados, directos ou indirectamente, pelos proprios alumnos. Si o professor nota uma palestra animada, uma discussão movimentada entre elles, aproveite-se logo para motivar, sem que elles o percebam, um exercicio na classe ou fora d'ella. Fará que um ou alguns os meninos relate aos outros a novidade do dia ou o facto em torno do qual teiam commentarios. Conforme a curiosidade, o interesse, e enthusiasmo despertados, poderá org nizar uma conversa viva e proveitosa, na qual intervirá apenas para methodizal-a, para suggerir termos mais exactos ou mais politicos, para emendar as phrases erradas, para evitar repetição de palavras ou rectificar idéas e juizos absurdos.

Pode-se ainda motivar um exercicio, lendo uma poesia ou contando historias breves e singelas, das quaes resala um rasgo de virtude ou uma emoção ethetica; e, emquanto não amortece a impressão causada, traverse-se um dialogo com a classe, formulando-se perguntas reflectidas e exigindo-se respostas correctas. Si estas forem deficientes ou viciadas, mande o professor um ou alguns dos alumnos integrais e emendal-as, articulando com nitidez e acerto os vocabulos de que se servirem. O mestre só intervirá, quando nenhum dos membros da classe houver animado com uma resposta satisfactoria.

Terminada a conversação, convem obligar os alumnos mais timidos ou aquelles cuja dicção for mais defectuosa a resumil-a, recapitulando os termos mais importantes, que serão depois escriptos no qua lo reger e empregados em phrases formadas oralmente.

A conversação preta em geral relevantes serviços á escola, como exercicio preparatorio de composições escriptas. Entretanto, segundo preconizam eminentes pedagogistas, deveria ter mais largo uso entre os escolares rusticos, cujo circulo de idéas, cujo cabedal de palavras são por natureza restrictos.

De feito, o ambiente uniforme e atizado em que vivemos diminui-lhes sobre-modo os estímulos de idéação e os recursos da linguagem. Assim, a escola é para o menino do campo um mundo novo. Nella circulam e fermentam idéas que, muitas vezes, o suprehendem e seduzem, e, por isso, pôde ella attenuar sensivelmente os effeitos do meio que ella poderosamente lhe avia sobre o espirito e o caracte. Ella lhe proporciona um convivio culto, no qual a sua intelligencia é, a todo o instante, solicitada a trabalhar e a progredir, principalmente pelo tracto frequente e amigavel com o mestre, cujo primeiro cuidado deve ser ensinar a seu discipulo a exprimir-se com desembaraço e acerto. Já demonstrou a observação que alguns mezes de frequencia em escolas ruras em que se exerce de racionalmente a conversação bastam para melhorar de modo não áz vezes sorprendente, a lingua incorrecta e pobre de seus alumnos.

E', portanto, de esperar que os professores, mórmente os ruras, pratiquem com todo o zelo exercicio tão proveitoso, não só durante o tempo das excursões, nos encontros fortuitos com os seus discipulos.

(Continúa)

NOTA — Na 1ª parte deste artigo sabiam alguns erros de orthographia e de pontuação, que o leitor facilmente emendará, dispensando, assim, uma correção.

Não se devem matar os passaros

A PROTECÇÃO QUE SE DISPENSA AOS PASSAROS NOS ESTADOS UNIDOS

É desnecessario dizer que temos em nosso país uma maravilhosa fauna de passaros que pôde ser classificada de dois modos: passaros terrestres e passaros aquaticos. Para patear-se o modo de tornar efficiente a protecção aos passaros selvagens, deve primeiramente fallar-se sobre a sua destruição. Refere-se a isto, pôde-se de um modo geral mencionar quaes foram as medidas tomadas pelo Governo ou pelas instituições para protegê-los.

Actualmente, os meninos e as meninas das escolas publicas e particulares tomam grande interesse pela protecção aos passaros e têm sido de muito proveito as conferencias e artigos sobre este assumpto publicados em revistas infantis que têm por fim chamar a attenção do publico sobre esta importante questão.

O principal inimigo e destruidor dos passaros é o homem; em seguida, vêm os animaes para os quaes elles servem de presa, e a lista não é pequena. Os gavieiros e os mochos matam e devoram muitos especes de passaros; alguns coloras, occasionalmente, alimentam-se d'elles; um numero bem avultado,

tado de mamíferos taes como as doninhas, raposas e outros quadrúpedes tomam seu quinhão e assim por diante.

Tempestades violentas em terra e no mar destroem, muitas vezes, grande quantidade de passarinhos. Em 1865 houve, nos Estados Unidos, uma tempestade de neve que causou a morte de milhares de tangares, alvões, pintarinhos, carrigás, lordes e muitas outras espécies. Centenas de passarinhos foram lançados em Long Island Sound e lá pereceram: grande quantidade serviu de alimento aos habitantes da ilha, e as raposas, as lontras e outros animais devoraram os restantes até extingui-los a provisão de victimas. Pôde-se avaliar como ficou reduzido o numero de passaros bonitos com esta unica tempestade. Anticamente, os mais notáveis pelo seu canto eram apanhados para as gralatas. Agora, nos Estados Unidos, ha uma lei que prohibe isto, e é applicada com mais ou menos vigor. Collecçãoadores particulares, empalhadores, colleccionadores para museus, e outros, pedem sua quota, e muitos passaros não podem satisfazer a estes fins mais ou menos legitimos. Não ha muito tempo ainda, destruíam-se milhares de passaros com o unico intuito de abastecer o commercio de modas, mas isto acabou quasi completamente e, hoje, é muito raro ver-se um espécimen de qualquer passaro americano num chapéo de senhora.

Deve-se lembrar dos milhares de aves de caça que são mortos annualmente pelos atiradores, ou apanhados em armadilhas, para fornecerem os mercados, as messas de hotel, as familias, etc. Além disto, recentemente foi inventada e vendida aos meninos uma espingarda com a qual destruíam uma infinidade de passaros. Mas tomaram-se medidas para impedir o mais possível este destructo ruinoso e desnecessario. Alguns vezes os caçadores e atiradores atacam certas espécies de passaros e muitos delles perecem em consequencia das mesmas. Uma vez, uma doença dos olhos victimou os corvos ás margens do Atlantico e viram-se milhares de cadáveres juncando os bancos do rio Potomac, em Washington. Logo depois que o «partal inglez» foi introduzido, alguns ornithologistas e outras pessoas allegaram que elle era um inimigo dos outros passaros e tanto os perseguiram de diversos modos que sua existencia ficou seriamente ameaçada.

No Connecticut meridional, usavam-se outr'ora, armas de fogo de toda especie, desde a espingarda ao canhão pequeno, para a matança de milhares e milhares de pombos selvagens. Ha mais tempo ainda centenas de pombos eram sacrificados em Long Island Sound, por obizes atirados das convezes das chalupas. Milhões de pombos arrulhantes são caçados nos bosques do occidente por todo que possam arranjá-los uma espingarda para estes fim.

Os caçadores de passaros apañam bandos de diferentes passarinhos para os mercados, e um grande numero de gaiotas e andorinhas do mar são abitadas para o commercio de modas. Eis, em grande parte, as causas que contribuiriam para reduzir o numero de passaros. Sem duvida não expun- todas. Deve-se dizer, de passagem, que elles formam

a classe mais importante no genero animal. Se não fosse a presença de passaros insofocáveis, florestas intieiras, com o tempo, seriam destruídas pelas pragas de insectos que as infestam. São os passarinhos que impedem isto, porque alimentam-se delles em grande escala, permitindo assim, que as arvores cresçam e se desenvolvam.

Deste modo, elles protegem tambem as vidas de muitos outros representantes do mundo vegetal, e outros productos de grande necessidade. Tudo isto os passaros fazem por nós e para muitos animaes que são da maior importancia para nossa ração.

Cheggamos ao ponto em que é mister dizer que todo cidadão deve fazer tudo que estiver a seu alcance para proteger os passaros.

Tal protecção deve estender-se mesmo áquelles que, de um modo ou de outro, parece prejudicarem. Muitas vezes, o prejuizo que elles causam é exaggeradamente avaliado. Isto é: os corvos, os gavieiros, os mochos, os pardaos, os que se alimentam de peixes, e mais alguns outros não fazem tanto estrago como muitas pessoas dizem, especialmente os fazendeiros.

Naturalmente, de vez em quando, um gavião ou um mocho arrebatou um pinto ou uma gallinha da India — mas, que tem isto? Vale a pena verem-se estes esplendidos passaros em seus *habitats* nativos.

Além disto, os proprios gavieiros e mochos alimentam-se de um grande numero de esquilos dos campos, camandongos e congenereos, e os fazendeiros conhecem bem o mal que estes animaezinhos fazem aos seus celloiros de trigo, etc. Devem-se proteger todos os passaros e perdoo áquelles aos quaes um espantallo ensinará melhores modos. Geralmente, são o mais bello producto da natureza; muitos delles nos encantam com seu trinado e a grande quantidade dos que se alimentam de insectos nocivos ás florestas e ás plantas, são indispensaveis. Assim, todos aquelles que pensaram no assumpto e se interessaram por elle, esforçaram-se por proteger os passaros e devemos agora mostrar o que se fez sobre isto. Saibam, porém, que, apesar de tudo que se tem realisado neste sentido, os passaros não são absolutamente tão abundantes quanto o eram ha um seculo atrás. Algumas qualidades desapareceram completamente e muitas outras vão tendo igual destino. Muitas pessoas protegem os passaros, impedindo que sejam apanhados ou mortos nos seus estabelecimentos ou propriedades; outros, alimentando-os e construindo viveiros para aquelles que fazem seus ninhos perto das casas ou em fazendas; alguns, por meio de conferencias nas escolas e artigos sobre esse assumpto; emquanto outros ainda, empregam diferentes modos para esse fim.

O governo fez promulgar leis sobre sua preservaçáo e as applica em todas as partes do paiz. Grande parte deste assumpto é superintendido por diferentes secções; uma dellas é a Inspekção Biologica da Secretaria de Agricultura dos Estado Unidos. Além disto, cada estado tem seus leis especiaes para a protecção aos passaros. Tambem ha muitos livros

dedicados a este assumpto e que nos ensinam o meio de augmentar-lhes o numero.

Sem duvida, as leis federaes e estaduais têm salvo as vidas de milhares de passaros, e os meninos devem conhecê-las o mais possível e ajudar, na medida de suas forças, a tornal-as obedecidas. Infelizmente muitos meninos não se interessam por isto,

e outros matam grande quantidade de passaros sem necessidade. Si o que escrevi aqui persuadisse algumas crianças a deixar de matar passaros sem nenhum fim util, terei empregado bem o meu tempo.

(Da revista americana «Popular Educator»)

Agremiações que dão vida e efficiencia ao ensino

UM TRABALHO QUE PODE SER FEITO PELA ASSOCIAÇÃO DAS MÃES DE FAMÍLIA

SUGGESTÕES INTERESSANTES

A Associação de Pais e Professores de Nova York organizou, para os seus associados, uma serie de suggestões preciosas, que dão aos paes instrucções interessantes para facilitar a educação dos filhos.

Nós temos agora, espalhadas em toda Minas, as associações de mães de familia, em cujos objectivos perfeitamente se enquadra o trabalho que empolga a referida agremiação de paes e professores de Nova York.

Resolvemos, então, publicar as suggestões alludias, acreditando que ellas são da maior opportuidade, agora que se envolveram decididamente as senhoras mineiras na campanha da alphabetização do nosso povo.

Publicamos a seguir algumas destas suggestões: -1.º — Providenciem as horas para as refeições, de fórma que não haja atropelo em casa, nem na escola.

2.º — Incuam a pontualidade e a assistência regulares, não permitindo que cousas triviaes as interrompam.

3.º — Façam que as creanças estejam vestidas singela, assada e modestamente e sempre de conformidade com o tempo.

4.º — Insistam para que as creanças menores de 14 annos tenham ao menos 10 horas de somno.

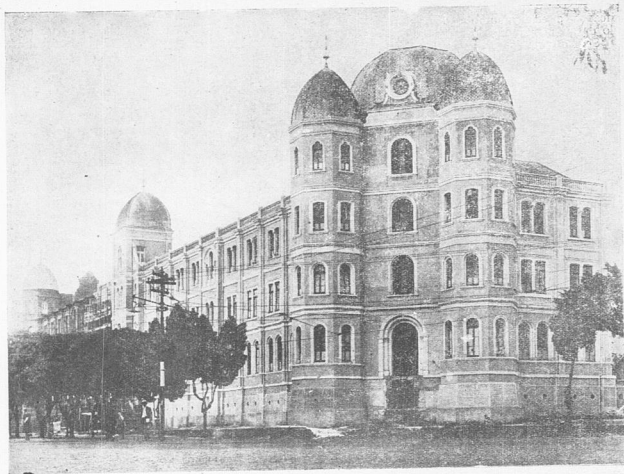
5.º — Saibam quanto tempo é necessario para o trabalho escolar que deve ser feito em casa e zelem para que seja feito com toda a fidelidade.

6.º — Providenciem para que haja um logar quieto para o estudo em casa, com boa luz e ventillação.

7.º — Mostrem que se interessam pelo trabalho feito pelas creanças na escola.

8.º — Visitem a sala de aulas na semana consagrada ás visitas, ou em outras occasiões para uma melhor comprehensão de todo o trabalho.

9.º — Numas criticas os professores ou a escola na presença das creanças. Sempre procurem saber os dois lados de qualquer questão que se sus-



Este clichê também dá uma idéa do que é o edificio do Colégio Arnaldo, desta Capital. É o maior dos nossos edificios de ensino. O Colégio é dirigido pelos padres da Congregação do Verbo Divino.

eita e perguntem ao professor sobre os incidentes

10. — Desenvolvam em seus filhos o habito de obediencia e de respeito pela autoridade constituída.

11. — Apontem a escola como um logar muito feliz e desejavel, nunca como um logar que inspire receio.

12. — Si já estiver organizada uma "Associação de Pais" na escola, onde seus filhos se metriam, sejam membros da Associação. Si não houver, porque não conseguir a formação dellas? Cooperaçào intelligente trará resultados beneficos para todos.

ASSUMPLOS PARA DISCUSSÕES E CONFERENCIAS

Não menos interessantes são alguns dos temas adoptados nestas associações para serem ventilados entre os socios.

Todos elles podem ser adoptados entre nós:

1. — Como estimular o amor á escola?
2. — Porque se ensina tanta coisa á creança e não se lhe ensina a estudar? Qual o meio de lhe ensinar isto?

3. — Como desenvolver na creança a facilidade de atençaõ? Que é essencial ao seu progresso intellectual?

4. — Ha utilidade do ensino de Jardinagem no curso primario?

5. — Como fazer para que o lapis e a borra-cha durem mais?

6. — E qual o melhor meio de educar e instruir uma creança doentia?

7. — Frequencia nas aulas.
8. — Gymnastica infantil.

9. — Como fazer a creança cuidar dos dezos?

10. — Para as alumnas que residem longe é difficil carregar reguas, pastas, caixas ou caixinhas com moldes.

11. — Meu filho tem trabalho excessivo?

12. — Meus filhos tomam agua filtrada aqui no collegio?

13. — Convém castigar a creança que não sabe a liçaõ?

14. — Convem ter por costume guardar uma creancinha presa depois das aulas ou nos recreios?

O valor da musica na escola

O MESTRE DEVE SER ALEGRE E CHEIO DE FÉ

(Continuação)

CONDIÇÕES DO MESTRE

HÃO de ter condições — sine qua non — a fé, a sensibilidade e o espirito infantil.

Com esta qualidade e um intenso entusiasmo, continuidade no esforço, isto é, constancia fervorosa e alegria no trabalho, só fallerá um amor entranhado e sincero ás creanças.

O professor ha de nutrir idéas elevatadas e um conceito mais amplo da transcendencia de sua profissáo.

É de tanta importancia a missáo pedagogica, que, para exceder-la, segreguem-se de grandes luctos que possa soffrer mesmo no ambito de minha carreira, com esforço infinitamente menor do que o necessario para desempenha-la dignamente, dando com meu exemplo prova da fé que a ella consagra.

CONHECIMENTOS TECHNICOS

Não padeco duvida que um conhecimento completo da technica musical, alliado a estudos de esthetica, historia, etc., seria de extrema relevancia para todos os mestres; mas como é materialmente impossivel o cumprimento desta condiçaõ, aventurei uma idéa do que, ao meu arbitrio, deve saber todo professor de musica, para que se habilite a leccionar e a ensinar o canto coral.

Imprecisivel é o conhecimento do rythmo e da entonaçaõ, e para sua applicaçaõ effizaz, torna-se de necessidade o ensino dos intervallos, das escalas maiores e menores, dos tons maiores e relativos, dos compassos e outros elementos primarios indispensaveis á educaçaõ musical.

Com estes principios conscientemente estudados e bem assimilados torna-se viavel e solido o estudo da musica.

Entretanto, são as condiçõe moraes e pedagogicas de muito maior valor que as technicas. Sendo as aulas de musica, antes de tudo, agradaveis e alegres, faz-se mister que o mestre deixe á entrada da porta toda e qualquer preoccupaçaõ, máo humor, aspecto sombrio, empregando, se preciso for, a hypocrisia e o fingimento afim de que se espanse sua repugnante fealdade.

É indispensavel, na aula, mostrar-se o mestre alegre, animoso, entusiasta; ensinar a cantar com animo e illustro, sempre com o semblante jovial, dando ás aulas aspecto de recreio, para que os

alumnos a ella affluam com gosto e afeição, e se prefira ás recreaçõe propriamente ditas. Assim o amor pela musica e pelo canto, adquirindo ellas com facilidade e de mo'lo insensivel os conhecimentos technicos. Tenha o professor, além disso, uma continua habilidade, para que, observando constantemente os pequenos, adapte-se a seu estado psychologico, não lhes violentando a natureza, mas educando-lhes o gosto e aprimorando-lhes a sensibilidade.

Em summa, o amor deve ser a resultante de todas as aspiraçõe pedagogicas do mestre, sobretudo do professor de musica.

Sede sempre carinhosos, bons e alegres para com os escolares.

O maior lenitivo que um mestre possa experimentar é o de se ver respeitado e querido.

CANTOS ESCOLARES

A opiniaõ popular é que qualquer coisa serve para se cantar. Nada, entretanto, máo absurdo.

É de maximo cuidado fazer-se um exame escrupuloso, uma seleçaõ meticolosa do repertorio das musicas infantis.

A parte musical correspondêr ás normas do bom gosto, no passo que a textual ha de ser poetica, sem ser emphatica e alisonante, coadunando-se com a pouca idade dos alumnos e fugindo a toda vulgaridade. A musica mais adequada á escola é a "natural", isto é, a que dimana da propria natureza.

É a cançaõ popular, abundante, salutar, cheia de encanto e de vida, é a que desenvolve os principios embryonarios da consciencia, da moral e da verdadeiramente patriotismo.

Na cançaõ regional — bem escolhida — campeia a belleza natural, a justiza nas imagens, ingenuidade na descriçaõ, sabor, caracter, elementos expressivos e poeticos; em synthese, della resumbra a essencia do patriotismo bem entendido.

(Da Revista "El Monitor de la Educacion Común", de Buenos Aires).

Lyra de Gonzaga allusiva ao visconde de Barbacena

Por THOMAZ BRANDÃO

(Continuação)

Espírito affeito ao estudo e à contemplação dos seres da natureza, sentiu-o o visconde de Barbacena atraído pela amenidade daquelle sitio, em cujo seio amigo estabeleceu sua residência preferida.

Sómente ia a Villa Rica do onde em onde, de preferença em occasiões de grandes festas, ou quando alli era reclamada sua presença para decisão de algum negocio de tomo, ou quando tinha de presidir à junta da real fazenda. Para despacho do expediente ordinario havia ordenanças de cavallaria expressas, encarregadas da condução e recondução das pastas das repartições publicas.

VI

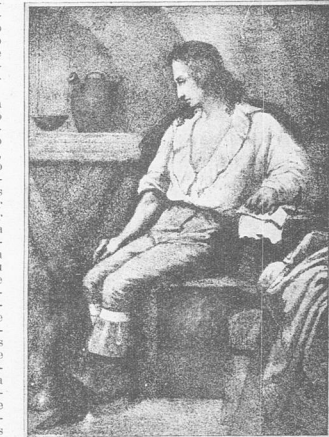
Naturalista por inclinação, e, além disso, tendo filhos pequenos, precisados de ar, de sol, de largueza, pendia o visconde de Barbacena mais para a vida bucolica, que seduz pelas doçuras da paz e da simplicidade, do que para a vida de salão, ruidosa, fictícia, frívola, vã, hypocrita. Os espiritos reflexivos e pensadores, quando os não insulta a validade, comprazem-se mais no apartamento voluntario, onde encontram quietude, alegria e estímulos ao pensamento, do que na agitação e rumor dos centros populacionais, que fatigam os sentidos e dispersam a atenção.

Mais à larga, pois, e mais resguardado do importunações, se sentia o visconde de Barbacena em seu doce remanso da Cachoeira do Campo, com sua família, seus filhos, seu herdeiro, seu minorario, sua criação domestica, do que nos

COMO se vê do que ficou dito, contava o visconde de Barbacena trinta e quatro annos de idade, quando tomou posse do governo de Minas. Embora bastante moço ainda, já trazia reputação de realce, adquirida no magisterio superior, e nome brillantemente inscripto nos postos universitarios.

Havendo chegado a Villa Rica no rigor do inverno (7), pouco se demorou alli, porque tendo filhos de tenra idade, recouo que o clima frio e humido daquellas envidadas montanhas lhes alterasse a saúde. Por tal motivo resolveu ir estanciar na Cachoeira do Campo, distante quatro leguas, e já afamada pela benignidade de seu clima, pureza do ar, e excellencia da agua. Situada em aprazivel paisagem campestre, sem lhe faltar a frescura dos bosques, o murmurio dos ribeiros, o verde alegre dos prados e outros encantos da natureza, era como que uma *Tuscolum* em miniatura, onde costumavam os governadores rusticar nos breves ocios que lhes deixava o pesado maneo dos negocios reais.

Havia alli vasta habitação com todas as commodidades possiveis, à qual dera o povo a denominação que tinha a data de 1730. Proximo, existia o quartel destinado ao regimento de cavallaria em cujas adjacencias os estacionam magníficos paesagens para os animaes.



Retrato de Thomaz Gonzaga no prisão. Foi-nos cedido pelo dr. Thomaz Brandão, autor deste artigo. No dizer de Joaquim Norberto, a photo.raphia é fiel.

Thomaz Antonio Gonzaga

Fac-simile da assignatura de Thomaz Antonio Gonzaga

faustos salões do palacio de Villa Rica, entre os esplendores da grande officina, rodeado de auxiliaes mestreiros, e em contacto inevitavel com a sociedade elegante, que em todos os tempos nunca primou pela sinceridade.

Considerados consequentemente os principaes delinquentes de sua personalidade, as tendencias de seu temperamento, o valor de sua intelligencia e illustração, seu gosto pelo estudo, particularmente das sciencias naturaes, que exaltando a alma à contemplação das maravilhas e magnificencias da criação, lhe infundem sentimentos bravos e generosos, não podemos imparcialmente attribuir-lhe instinctos de perversidade, arrogancias de tyranno, manifestações de malefica degenerescencia. Um homem que durante longo tempo sacrificou seus interesses e seu socorro ao nobre empenho de levantar da decadencia e quasi abandono a santa casa de misericordia de Lisboa, não podia, contrastando comisso proprio, aninhar no coração sentimentos inhumanos. Se de tal pae, tal filho, como diz o antigo proverbio, Sr. Francisco Furtado, seu filho, cujo espirito caritativo ficou memorado, confirma a lei da hereditariedade moral.

Feitas estas ligeiras reflexões, vejamos qual o procedimento do visconde de Barbacena ante a gravidade da denuncia dada contra Gonzaga.

VII

Joaquim Silveiro dos Reis, na carta delatoria que escreveu a visconde de Barbacena a 19 de abril de 1789, affirmou, entre diversos pontos, os seguintes:

- a) que Thomaz Gonzaga era o primeiro cabeça da conjuração;
- b) que se achava longos mezes em Villa Rica, fabricando *(sic)* leis para o novo regimen;
- c) que distrajava sua permanencia alli com o pretexto de seu fallado casamento;
- d) que para completo exito do levante já havia tomado diversas resoluções, entre as quaes a de se cortar em primeiro lugar a cabeça do visconde e depois as de outros que velamente o defendiam;
- e) que a cabeça do visconde seria apresentada ao povo, suspensa pelos cabellos, e com uma falla que elle (Gonzaga) já tinha escripto.

Logo em seguida à carta de Joaquim Silveiro recebeu a elle o visconde as do tenente coronel Barbosa e de outro mestre de campo Ignez de Pamplona, inteirando-o tambem do planejado movimento subversivo.

Ora, taes denunciaes dadas e assignadas por sem ser falsas, eram mais que sufficientes para prevenir e indispor o animo do visconde contra Thomaz Gonzaga. Mandando prendê-lo, como lhe cumpria fazer, attenta a gravidade das denunciaes, collocou-se, no entanto, acima de sentimentos mesquinhos, concedendo-lhe horas depois a valiosa attestation transcripta no capitulo VIII, da qual já nos occupamos (8). Ora, facilitar meios de defesa áquel-

le que, denunciado como chefe da conjuração tinha ophido-se lhe cortasse a cabeça antes de qualquer outra, foi indicativamente admiravel rasgo de magnanimidade, que provavelmente um Titio se não inclinaria a praticar.

Quem em circumstancias tæs procedeu com tamanha elevação moral, bem podia ter feito reservadamente, em pró de Gonzaga, outras cousas que, se chegassem a ser conhecidas, destorariam intrinsecamente se descrevendo da maldada lyra laudatoria, que já vimos não podia ter sido escripta para ir ter ás mãos do elogiado.

E não é só. Continuemos.

VIII

A 17 de novembro de 1789, respondeu Gonzaga, na Ilha das Cobras, ao primeiro interrogatorio, feito pelo desembargador José Pedro Machado Coelho Torres, nomeado pelo vice-rei para abrir de vassa no Rio de Janeiro sobre a frustrada conjuração mineira. Do respectivo auto de perguntas consta o seguinte topico:

«Sendo instado para que dissesse a verdade do que sabia, pois que, além dos indicios notorios, como era uma longa demora na terra em que tinha acabado de servir, da qual ordinariamente todos desejam sahir com presteza pela diferente figura que passam a fazer, principalmente o respondente que não tendo alli rendimentos alguns, estava perdido os do logar em que estava provido, e, além disto, o seu adiantamento, o que não faria sem esperanças de cousa mais avancada e por isso mais attendivel. Respondeu que os indicios nada lhe faz contra a Villa Rica, e que tinha pedido licença a S. Magestade para esse fim... cuja licença esperava chegasse na maõ que traz o Excmo. vice-rei, e que por isso lhe era mais commoado o demorar-se na Villa Rica alguns mezes para levar sua mulher em sua companhia, do que ir para a Bahia, e deixala para soffrer as despezas e incommodos do outra condução, e por não ter pessoa que melhor pudesse acompanhar do que elle proprio: em prova do que mostrava a attestation do seu Excmo. general, e requeria que se juntasse já a estas perguntas.»

Por mandado do juiz juncto o escripto ao auto de perguntas a attestation do visconde de Barbacena, lavrando na mesma data o competente termo de junção.

Bem avisado, pois, andará Gonzaga, munido de um tempo de tão valioso documento para contrapôr à ponderosa allegação de sua prolongada demora em Villa Rica.

De todos os indícios de sua supposta participação no frustrado levante, era este sem duvida o mais serio e convincente. A attestation do visconde de Barbacena invalidou por completo.

Sabedor do caso, o vice-rei D. Luiz de Vasconcellos suspeito do visconde, que, assim como se havia mostrado interessado pela defesa de Gonzaga,



O Grupo Escolar Barã, do Rio Branco, da Capital, realizou, com êxito, a exposição dos trabalhos feitos pelos seus alunos este anno. Aqui está uma phot graphia, que nos mostra um dos bellos aspectos da exposição.

podia estar tambem pela dos demais conjurados. Não lhe merecia, portanto, a menor confiança a devassa aberta em Villa Rica. Para contraminal-a, frustrando quaesquer intensões occultas, favoráveis aos denunciados ou a alguns delles, despachou para alli o referido desembargador Coelho Torres, com o mesmo escripto Pereira Cleto, afim de procederem a uma ou outra devassa, sem embargo da que prosegua por ordem do visconde.

O absurdo de duas devassas, abertas a um tempo na mesma capitania, tendentes ao mesmo fim, e sob jurisdicções differentes, não podia deixar de ocasionar attritos, recriminações entre os dois governadores, como aconteceu.

IX

E' digno de nota o extranho contraste entre o procedimento do visconde de Barbaena, facilitando cavalheirescamente a Gonzaga meios de se defender, e de seus amigos Claudio, Alvarenga e o negro Luiz Vieira, referindo-se em seus depoimentos a conversações differentes, de que a execranda alçada se occorreu sophisticamente para conde-

nar-o. Se não fossem os referidos depoimentos, não teria a alçada encontrado materia para os considerandos de sua iniqua sentença. (9)

Embora pudesse aludir tambem ás taes conversações intimas em que havia tomado parte sem intenção criminosa, não fez Gonzaga a mais leve referencia ás mesmas, nem a alguma coisa que pudesse comprometter alguém.

Em todos os interrogatorios a que respondeu, mostrou-se sempre nobre, sempre digno, sempre leal.

(Capitulo XII de *Marilia e Direcun*, obra inedita).

(7) Tomou posse do governo em 1738, a 11 de julho, um dos mezés em que o frio, em Ouro Preto, é intensissimo e ás vezes humido.

(8) Gonzaga foi preso na madrugada de 23 de maio de 1789, num sabbado, oito dias antes do marcado para seu casamento, e *incontinenti* conduzido para o Rio de Janeiro. Ao passar horas depois por Cachoeira do Campo, onde se achava o visconde de Barbaena, obteve d'elle a attestação acima referida.

(9) Este ponto está amplamente explanado em outro capitulo da obra de que faz parte o presente.

TRES SONETOS DE MARIO DE LIMA

FELIPPE DOS SANTOS

MEU, no alto, o arrabal de Ouro Preto... A intervallos
Soleis, lambendo o céu, rufas linguas de fogo,
E, esmagado larva o incedido, o heros domageo
Press a cada lã tua de indomitos estalios.

Viram fegosamente os corcos, los estales
de osas disjunctos, mais se reanima o joga
desco p'las febre. Lá vão, no desalga
da orvidã, a transportar, rras e valles.

Pela estrada, mirando a doleros via,
no fraxellos do corpo, em chã profano e d'ra,
juzem aqui, alli, vos delirando o dia

É um solaris de luz alre o sul mericito
e amortalhando o beris em pedagos, lre senta
nos seta raios finas os bozquez do fetore.

BORBA GATO

6º marceio do Guitary, seis umbros e parato
do Sumbare, — foga immortal das bandeiras,
Terto conservar as floras altissimas
e os felos desse aniaz dolerador do matto.

Quem não te admira, Manoel de Borba Gato,
O arroj de affrontar feras, trilos guerras
valles e seccas, chapafas e capoeiras,
d'Sharabá-pôo v'ria negro?

A peregrinão com Pava Leme... A aldrã
contra a *Fidalg...* A fuga... A servida do pasculo
de S. Barã... Por fim, o prelã... Que alvã!

A alma costado e, á luz do historio, se cande
lindas, honros lãis, preso á catura e alãis,
o farã de caudillo em kãiba de beris.

ANTONIO DIAS DE OLIVEIRA

ESTE, que ao sul e á chã affrontava as herias
sulras dos Catagãis, é de hericis fimbraz
e á caça do ouro ando, em jorãdo solagras,
vadando ribeirões, trampeado serranias.

Al! Quem te vira, em febre, affito Antonio Dias
— tendo a paga final da interrupão ranguem —
contemplar, como em sonho, a esplãndida paraguem
em pé da qual vagando e soffrendo vicias!

Vinha respondendo o albor maiã... Dentro em pouco
a taraca do Tripity ranguem-se entre as soldadã
e o llamante sargis aos seus vilos de bozo...

Surgis, locando os céos — granãdo duto!
Conquistãras alãis, o corãço de Minã...
Podias repousar, fundador de Ouro Preto.

CONTOS INFANTIS

O verdadeiro patriotismo

A professora, uma senhora esguia e já grisalha, usando na ponta do narizinho uns grandes olhos escuros que lhe davam a autoridade de mestre; — vislagra de vespéra á criancinha que em sexta feira seguinte, — dia da festa da bandeira, — deveriam todos comparecer ao meio dia para cantar o hymno nacional e algumas árias patrióticas, que a todas ellas pacientemente ensinara.

Lapparoni, um italiano gordocho, com seu narizinho arrebitado, sua grossa jaqueta de veludo, que um milagre de alfaiataria doméstica extrahira dum jaquetão de seu pai, pertencida ao grupo da petizada! O pai, com um operário honesto vindo da Italia, havia pouco, numa leva de imigrantes de Aleppo, fosse embora um homem bronco, entendia de educar o filho. Que o bambino aprendesse a ler e não ficasse como elle um *contadino* grossoeiro e alarve lutando no braço da picareta pelo pão amargo de cada dia.

Si bem que todos da petizada o appellidasssem *Carcamaninho*, judicassm constantemente com elle, o muijrissem e lhe atirassm pedradas, — o pequeno Lapparoni soffria tudo isso com paciência, embora fosse bem mais possante que os outros, mais corpulento e desenvolvido que elles.

Fosse-lhe o meio hostil, andava sempre Lapparoni no meio da petizada bulhenta; soffresse embora seus arranhões, seus coques, suas caçoletas gratuitas; tudo isso elle perdoava, contanto andasse de cambalhuda, na troça ruidosa dos petizes...

Ora, no dia da festa da bandeira, um dia alegre de muito sol, quando os grupos esparsos das crianças se dirigiam á escola legremente, para a solemne commemoração da bandeira, o em que estava Lapparoni entrou logo a discutir em voz alta. Escusado quasi dizer que se tratava naquelle grupo agitado, nada mais e nada menos que da própria pessoa do italiano.

— Elle não pôde entrar na escola! — berrava com energia o Carlito, uma criança de uma familia abastada, que era em casa o ajeizá de seus pais, e na rua, um rapazello temido!.

— Não pôde! bradava um outro. E' a opinião de meu amigo Carlito!...

— Porquê não pôde entrar! — voçiferava o Chiquinho, fazendo coro com os outros dos companheiros.

— Porque não bosso?... perguntou choramingando a criancinha.

— Porque não é um italiano, já ouviu? — E hoje é a festa nacional da bandeira brasileira... Já ouviu?...

— Porque você é carcamano!... disse o Pedroinho, chegando-lhe ao narizito redondo o pulso cerrado.

E todos cercaram o italiano com a ameaça duma grande sova!

— E vejam só!... fez o Carlito, todo erigido de indignação patriótica, arrebatando das mãos de Lapparoni a cartilha remendada e suja... — Vejam só que desafforô!... Rasgar a bandeira brasileira!... E mostra aos outros a cartilha, aberta justamente no meio, onde, tomando a folha toda, estava rasgada de meio a meio a ariverde bandeira nacional!...

— Um italiano!

— Um estrangeiro!

— Um carcamano, rasgando a bandeira nacional!...

Passado o primeiro atordamento, resultante dos murros e sopapos, que sobre elle immediatamente choveram, o italiano ganhou distancia, correndo para dentro da escola. Ali tinha o seu asylo seguro, e o prazer de assistir á festa fel o entrar disarçadamente, como si nada houvsse acontecido. Demais não era um intrigante. Jamais a mestra teve noticia de ter um dia o italiano apanhado de seus collegas na rua!...

Cantou-se o hymno com afinação regular, gritado, chiado, esganicado por mais de quarenta gorjis.

Apenas o carcamaninho ficara mudo naquelle meio vibrante, ouvindo de vez em vez uma voz que lhe chegava ameaçadora aos ouvidos:

— Lá fôra você nos paga!

Por isso, dispersa a escola, o italiano conservou-se lá dentro.

— Porque não saes? perguntou-lhe a mestra no vel-o na sala já vazia.

E elle sahira devagarinho, cabixinho, num passinho lento, quando os outros já estavam longe...

Os inimigos gratuitos de Lapparoni, os mais terríveis dentre todos, — Chiquinho, Pedro e sobretudo Carlito, — tendo esperado em vão o italiano, que lhes fugira galhardamente das garras, inventaram logo um outro *sport* mais perigoso, é bem verdade, todavia muito menos perverso do que sovar um companheiro de escola.

Havia perto uma quintazinha pertencente a um sr. Gomêdes — um usurário mi conhecido pelo mau trato que dava outrora aos escravos. Tinham-no em

conta do assassino. Elle não tinha relações de amizade. Cercava a quinta um velho muro de pedra.

A nove metros de muro a dentro uma formosa jaboticabeira desafiava o paladar dos pueritos, cravejando seus longos ramos dos mais bellos frutos temporales!

Os tres guryjs saltaram o muro e num relance se encarpitaram na arvore. Carlito trepou até á copa.

Mas, mal começaram a deliciar-se com as frutas que Gomêdes propositalmente soltara, apresentou-se feroz e horrivel debaixo da dadivosa fructeira, pouco depois que Chico e Pedro tiveram tempo de se arrojarem da arvore e galharem a rua caladamente para entrarem em casa silenciosos e vendidos!...

Que o amigo delles se arranjasse! Melhor é o *salvo-se quem puder!*

Entretanto, ao fugirem attonitos, não notaram o vulto de Lapparoni, que se esgueirava contra o muro da quinta e assistia á pandega dos tres. Esbarrou mesmo nelle, e deixaram cair um patu, destinado a lhe amassar os costados.

Passando a não nesse porrete, Lapparoni subiu ao muro, e a scena que elle presenciou, a principio, arrepiou-lhe os cabellos!

Pendurado pelo gansete na forquilha de um galho alto, elle viu Carlito já sem fala, espichado lentamente o pescoco e deitando aos poucos para fóra um palmo da lingua desmesurado, enquanto em baixo, em detror da fructeira, quasi á atingir-lhe os sus pespessos, o grande cão pinoteava e latia. Saltar o muro para dentro e afrontar aduzadamente a fera, com o pequeno cocete que apanhara, — foi obra de alguns segundos apenas.

Ante a sua corajeg indomita, o animal, surpreso, fôse afastando, recuando, com o pello hirulto, até que o pequeno italiano, num salto agê de guariba, atirou-se ao galho da arvore, salvando-se milagrosamente dos dentes do furibundo animal.

Embaraçado-se e arranhado-se nos galhos, conseguiu entretanto suspender o enforcado a desfrancel-o com grande excesso de esforço da bifurca rês e assassina, que o mataria certamente se decorresse mais dez minutos...

No dia seguinte, a professora, que tivera conhecimento do facto, — jamais se viria tão eloquente e verbosa.

Ao passo que verberava com toda a furia de sua eloquencia didactica a conducta traidora e covarde dos dous companheiros de Carlito, — exaltava a acção heroica dquelle pequeno Lapparoni, salvando da força o adversário poltro, que na vespéra lhe promettera uma sova!

Caíram-lhe mais de cinco vezes os olhos do rubicundo nariz!

Disserunt sobre o patriotismo, ensinando que patriotismo não consistia apenas em cantar hymnos nas solemnidades nacionaes e em cultivar com feticchismo as bandeirinhas lithographadas nos livros.

Outros eram certamente os frutos da civica educação. O civismo e o amor da Pátria se manifestam nas acções das pessoas.

As boas acções e a rectidão na conducta são o que mais eleva e dignifica os individuos, que se constituem no seu conjunto a nação. E' elevando-se a moral de cada um que se eleva a moral da Patria!

A petizada ouvia-a atenciosa, e os dous complices, Chiquinho e Pedro, os olhos pregados no assalho, tinham cara de arrependidos facinoras.

Lapparoni desio esse dia fo respeitado e admirado por todos; esqueceram todos da sua alchuma. Já não era o *Carcamaninho* de que dantes seus pedrinhos zombavam. Era agora o quanto se heitor, o digno filho da bella Italia, que honrava a terra onde nasceu, a gloriosa terra de Garibaldi.

FOLK

QUALIDADES QUE DEVE POSSUIR UMA CRIANÇA QUE TERMINA O CURSO DO GRUPO ESCOLAR

Uma criança que termina o curso primário, tendo frequentado os quattros annos do Grupo Escolar, deve:

1— Respeitar a autoridade legitimamente constituida.

2— Ter um corpo forte e sadio.

3— Fallar e escrever bem o portuguez.

4— Saber ler, interpretar e apreciar os bons livros ou, simplesmente, os artigos das revistas.

5— Conhecer perfeitamente as quattros operações fundametaes.

6— Possuir um caracter bem desenvolvido, de modo a tornarse um adulto efficiente.

7— Saber escrever com mais ou menos rapidez e com letra legivel.

8— Ser capaz de apresentar-se perante um auditorio e exprimir-se com clarezza e concisão.

9— Possuir as bases para se tornar um bom cidadão.

10— Saber apreciar as melhores cousas da vida, taes como a arte, a musica, a natureza e a litteratura.

11— Ter aprendido o melhor modo de empregar as horas vagas.

12— Desejar uma educação mais completa.

13— Manter uma attitude correcta para com os companheiros.

14— Interessar-se, especialmente, pelo menos, por uma das materias que estudou.

15— Ter o maior respeito pelos direitos alheios.

16— Saber utilizar-se de uma livraria e consultar livros.

17— Ser, pela acquisição de bons habitos, honesto para consigo e para com seu trabalho.

18— Possuir maneiras cortezes.

Se conseguirmos, na escola elementar, realizar estas cousas, teremos uma criança que não seja apenas *utilizada* de educação livressa, porém bem educada e que esteja apta para occupar seu lugar na sociedade. E, afinal de contas, este é o unico fim real da escola.

(Adaptado da revista americana "Popular Educator")

A vida de D. Pedro II é um livro: em cada pagina um novo encanto e um ensinamento novo

A purpura do príncipe não separava o povo do seu grande coração.—Palavras da sua majestade a um jovem que acabava de receber o diploma.—Alto conselho de civismo que deve ser repetido em nossas escolas.

QUEM estuda demoradamente a vida gloriosa do grande monarca brasileiro, encontra sempre um novo aspecto de seu caráter, que admira, um facto que ainda não conhecia, mais uma outra face, revelando a sua grandeza, quasi sobre-humana.

Assim tambem, ao viajar que vai descendo lentamente as aguas de um grande rio, largo como um estuario, e da barca vai observando suas margens, depara-se a cada instante um novo panorama, que o extasia e encanta. Aqui, a matta virgem, silenciosa e solemne; mais abaixo, estrellado de flores, um campo, descendo suavemente até a praia; nas rammas, que parece abrigarem o remanso onde a corrente abre um leve risco de espumas, esplendem as formosas orquídeas, destacando em ramalhete de incomparavel belleza. E para mais alegrar, mais aplainar aquella immensidade tranquilla, as garças rosas, os guarás vermelhos, os flamingos, escarlates como rubis, outras aves, que são vivo colorido, que parece leuarem no peito uma coruscante de ouro e esmeralda, povoam o animam os ares, com a graça airosa do seu vôo. E fechando o horizonte, muito ao longe, a cinta de montanhas semeia uma cortina de azulada gaze.

Melhor diria eu, para explicar meu pensamento, si comparasse a vida longa de D. Pedro II encontra em cada pagina um novo encanto, um ensinamento em cada capitulo: livro que ensina, que educa, que estimula para o bem, que eleva o sentimento e nos enche de orgulho, porque é nosso e bem nosso.

Entre o Imperador do Brasil e os soberanos europeus, que viveram nestes últimos tempos, é completo o contraste.—Napoleão III na França, Guilherme II na Alemanha, Francisco José na

Austria, Victor Emmanuel na Italia, Eduard VII na Inglaterra, Nicolau II na Russia, todos elles, mesclando e confundindo a necessidade da conservação da sua coroa com a propria vida da sua patria, mantinham formidaveis exercitos, roubando o serviço militar a parte mais sadia e mocca do povo e a todos elles travajam, como aviso de guerra, em preparo constante, não a sobrecessa burguesa do nosso imperador, e sim a fanfa militar, não tendo na cabeça, como elle, a cartola de cidadão paeto, mas um boné de general ou de almirante.

D. Pedro II, quando desjava demonstrar a algum sabio o seu apreço a algum desses soberanos, que tanto o respeitavam, a sua essência, offerecia-lhe uma das nossas concepções. Lá, no velho mutirão, aquellos monarchas, uns duobichos agora pela formidavel tremedeira que seacudiu a terra inteira, outros mortos já, tinham outro modo de manifestar o seu apreço a outro soberano. Nominavam-o marechal, almirante honorario. E até as prínciezas gentis eram coronelas de esquadras de cavallaria estrangeira.

Durante o imperio do Brasil, a Igreja não estava separada do Estado, como agora. Os juizes eram nomeados pelo governo central, e por esse motivo o Imperador era extremamente cioso do alto nome da nossa magistratura e do prestigio do nosso cetro. No juiz prevaricador via aquella consciencia austera um crime impardavel, como qualquer irregularidade do proceder de um sacerdote, chegando ao seu conhecimento era um delicto grave, que o affligia e o irritava.

As suas audiencias dava-as o Imperador n'uma galeria envidraçada do paço de S. Christovam, sendo sempre com as mãos atrás das costas, ouvindo a parte a outro, sem tomar notas, porque a sua

maravilhosa memoria dispensava esse rectoro.

Um conhecido meu, que fôra juiz municipal no oeste de Minas, tentou ser reconduzido no cargo, depois de dez annos do seu primeiro quatriennio. Era um homem violento, nada amigo do estudo, acapricado, e que presava bem pouco a dignidade do cargo.

Delle se contava o caso de um despacho insolente, cujo mesmo, a um requerimento de um procurador, seu desafecto. E quando, na audiencia, dezoito annos depois, deu seu nome ao Imperador e lhe pediu ser reconduzido, D. Pedro II lhe disse em tom severo:—Não fôo sr. quem, nunca, n'uma petição, do este despatcho. — E reproduziu *ipsis verbis* o teor d'elle.— Ora, sr. dr. ! Um homem violento e indelicado como o sr. não é digno de fazer parte da magistratura brasileira.—E voltou-lhe as costas, indo ouvir outro pretendente, emquanto o meu pobre amigo retirava-se corrido de vergonha, e com as orelhas em brezi.

Naquelle palacio, onde reinavam a autoridade e a immensa bondade de D. Pedro II, a caridade da Imperatriz D. Theresa Christina realisava verdades de beneficencia, que a fizeram uma verdadeira santa.

Um facto é bastante. Nas immedições do paço de S. Christovam, morava uma senhora muito pobre, mãe de tres pequenos, magritos, amencos, que alugava ás mulheres que iam, aos sabbados, solicitar do Imperatriz uma esmola, quasi sempre, uma nota de vinte mil réis. Entrava a mulher, trajida de viva-va, acompanhada dos pequenos, que alugara, para se fazer de martyr da miseria, com aquellas creancinhas que sustentam. Lamuriava a sua queixa estudad, recebia a esmola da nota de vinte mil réis, babujava de lothos a mão dedivosa, e a entregar á algarada os filhos a sua commissão.

Vinha depois—e muitas vezes no mesmo dia—outro infeliz senhora, tambem flante, desbrida, tambem trajida de preto, choramingando a sua infelicidade, muito fingida, com aquellas mesmas creanças que vestir e alimentar, gemendo a sua sorte, ao lado dos pequenos, de dedinho na bocca, e conhecendo bem aquella sala, e sabendo de cor aquellas lamentos, estudados em casa. Fingente expugnelação da sua bondade infinita, dava-lhe a esmola, e assim a mãe dos meninos ganhava n'esta fôrma, com só o trabalho de se vestir de lucto no dia da audiencia do soberano.

No caracter do Imperador havia tanta austereza como tolerancia, dessa tolerancia propria das almas grandes, nobres, e cuja falta tanto anesigalho, não raro, os homens que occupando n'esta elevada, lenta de intrigas e de malquerencias sopradas pelos adulaiores. Christiano Cttoni, Lafayette, eram republicanos historicos, e elle os escolheu sempre, porque assim o queria a voz electorado. Salvador de Mendonça fôo outro republicano historico, jornalista admiravel, e a este deu D. Pedro

II a legação norte americana, valendo-lhe na pobreza altiva, e galardoando-se ali muito merecimento. No seu reinado, até os ministros eram derrotados nas eleições liberrimas.

Foi depois seu ministro da Fazenda e conselheiro de Estado Salles Torres Homem, visconde de Inhimirim, que havia escrito contra elle o famoso pamphleto *O libello do povo*. Ferreira Vianna, tambem ministro depois, tambem conselheiro de Estado, não o havia poucado na tribuna e na imprensa, ferpando-o de suas ironias. E seria certamente grande villania, por parte d'elle, recusar o apelo de mais que lhos estendia *sem remissão*, sem eva de resentimento mesquinho, o soberano magnanim, antepoando a qualquer magua pessoal o interesse do paiz, que não podia dispensar os serviços de homens de tamanha competencia e probidade. Pensar de modo diverso equivale a dizer que a palavra reconciliação é um termo indigno do homem de brios, quando é, muitas vezes, um gesto nobre e honroso para o offendido como para o ofensor.

A erudição do monarcha brasileiro era fso solida quanto vasta, e justamente proclamada pela gente mais culta do Brasil e da Europa. Relembro um caso apenas.

Um dia eu, com o conselheiro Lafayette, muito depois da queda do Imperio. Occorreu-me lho perguntar, em meio da nossa palestra, si o Imperador era, realmente, um homem de illustração vastissima, como diziam. O grande juriconscullo chapou uma fumagada do cigarro de palha, virou para o tecto do vagon o olhar muito estabrico, e respondeu nestes termos textuaes:—Como sabe, eu fui tudo no Brasil, Ministro da Fazenda, conselheiro de Estado, senador, fui arbiro entre duas nações. Nos Estados Unidos, no Chile, na Europa, tive eu-sego de conhecer e de tratar com muita gente illustrada. Pois, lhe afirmo que nunca tratei com um homem, cuja illustração tanto me espantasse. Um dia, accrescentou elle, depois de nova chupada de cigarro de fumo forte, conversavamos socialistas, no Paço, sobre systems philosophicos. Falei incidentalmente em Kant, e logo o Imperador fez sobre elle uma verdadeira conferencia, que me deixou embasbacado!

É crente no que dizia Lafayette, eu, muito lampreiro e risinho, pude apenas soltar esta exclamação, que era digna daquelle Zé Fernandes, da *Cidade e os serrões*: Embasbaque um Lafayette... Olhe que já é!

Nunca seria demais insistir na demonstração da alta mentalidade, da pura consciencia, da sua bondade, unida á sua austeridade. Desta poderia dizer-se que merecia ser comparada a esses alcinas escuras, das altas montanhas de marmore de Carrara, lisos, brancos, unidos, sem uma infractuosidade onde aninhar um sentimento villão e um pensamento mesquinho.

Separado para sempre de sua mãe, morto quando elle contava somente um anno, eternamente separado de seu paiz, quando apenas contava seis annos, teve aquelle futuro soberano que receber

O DECRETO DO GOVERNO CREAMO O GRUPO PEDRO II

O governo do Estado expulsi, no dia 2 do corrente, o decreto em virtude do qual se cria nesta Capital, com o nome do Pedro II, um novo grupo escolar.

Vão já adiantados os trabalhos de construção dote novo edificio, cuja linteia de uma nobre e discreta elegancia, obedece ás regras de um bello estilo colonial.

O decreto define, em poucas traças, a figura do monarcha, em relação a alguns dos lacos mais luminosos do seu espirito e está assim redigido:

"DECRETO N. 7.444

Cria um grupo escolar na Capital, com a denominação de Pedro II.

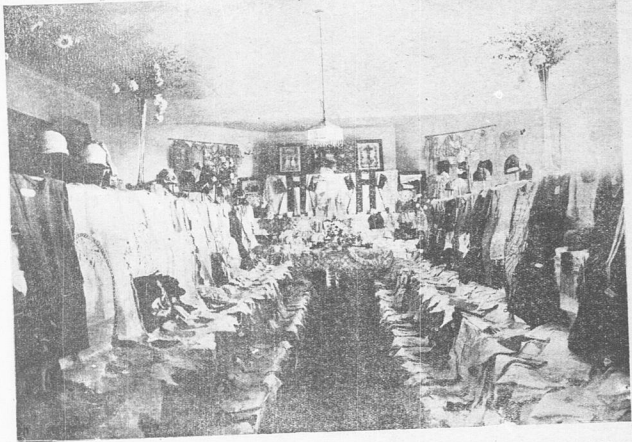
O Presidente do Estado de Minas Geraes, usando das attribuições que lhe confere a Constituição do Estado, e considerando que o Imperador D. Pedro II, intelligencia votada ao culto das adências, das letras e das artes, posuio no cincto no Brasil, servico da mais alta projecção na marcha nacional da civilização brasileira; considerando que, por isto mesmo, muito de accordo com os pensadores que definiram o seu grande espirito a homenagem que lhe presta o venerando nome nua caixa de instrução;

e considerando, afinal, que este predito é memoria do monarcha illustre consilhe benico a alma generoso e justiciera de Minas Geraes.

Resolve crear um grupo escolar na Capital, attendo ao paço José Bonifacio, com a denominação de Pedro II, em homenagem á memoria do segundo Imperador do Brasil.

Palacio da Presidência do Estado de Minas Geraes, em Belo Horizonte, 2 do dezembro de 1925.

FERNANDO MELLO VIANNA.
Bhual Srtador Assesora.



Está aqui uma photographia da exposição de trabalhos do Colégio Sagrado Coração de Jesus. É uma exposição escolhida e brilhante, digna de ser visitada.

nas mãos, de criança ainda, o peso formidável deste nosso immenso país, onde o fermento das revoluções era um perigo constante. Como si fosse elle um pequeno almirante a quem se confiava o commando de grande nave de guerra, sacudida pelas tormentas que a ameaçavam sempre, soprando de todos os pontos da terra.

E a nave poderosa ainda ahí está, senhora dos nossos mares, sempre respeitada, sem que jamais tivesse que ser conduzida, humilhada, ao poder dos estrangeiros, sem que jamais fosse arriada do seu mastro grande a bandeira gloriosa. Um dos maiores titulos grande a bandeira gloriosa. Um dos maiores titulos grande a bandeira gloriosa. Um dos maiores titulos grande a bandeira gloriosa. Um dos maiores titulos grande a bandeira gloriosa.

Um caso, que ha pouco relatei na imprensa, revela, de modo encantador, a somma de bondade que havia sempre naquella consciencia purissima. Quando o imperador veio a Minas, em 1881, ao chegar ao collegio do Caraça,ouve, como é deploravel costume ainda, a grossa e perigosa foguetaria. Aconteceu que um casolinho obedeccendo aos insinua. Aconteceu que um casolinho obedeccendo aos insinua. Aconteceu que um casolinho obedeccendo aos insinua. Aconteceu que um casolinho obedeccendo aos insinua.

Um desses homens, Crispiniano Tavares, que estudou á sua custa, nos relatos n'uma conferencia, em Ouro Preto, que depois de receber o diploma de engenheiro, foi logo ao Paço, agradecer a D. Pedro II o que por elle fizera, e lhe perguntar em que podia lhe ser util, algũa dia. A resposta foi esta:— Sendo sempre um homem honesto, esculpilloso em tudo, e sempre amigo da sua carreira e de seu paiz tudo, e sempre amigo da sua carreira e de seu paiz tudo, e sempre amigo da sua carreira e de seu paiz tudo, e sempre amigo da sua carreira e de seu paiz tudo.

Quando o imperador veio a Minas, em 1881, ao chegar ao collegio do Caraça,ouve, como é deploravel costume ainda, a grossa e perigosa foguetaria. Aconteceu que um casolinho obedeccendo aos insinua. Aconteceu que um casolinho obedeccendo aos insinua. Aconteceu que um casolinho obedeccendo aos insinua. Aconteceu que um casolinho obedeccendo aos insinua.

e lhe disse meio risonho:—Seria muito bom que de hoje em diante não mais fabricasse tão perigosas bombas, porque eu desejava que durante meu reinado nem os cachorros soffressem por minha causa.

Profundamente democrata sem affectação, compradissos D. Pedro II em conversar mesmo com a gente humilde, simples, sem orgullo, com aquella bonhomia, que é um bello apanagio dos homens verdadeiramente superiores.

Um dia, ao tempo em que quasi todo o commercio de Minas era feito pelo porto da Estrela, possuía ella pela manhã, o jardim do palácio de Petropolis, na companhia das suas duas filhas, Izabel e Leopoldina, muito meninas ainda. Um tropezinho, vindo de Uberaba ou das vizinhanças do Araxá, ignorando quem podia ser aquelle homem, e frin impassibilidade de um sábio, do naturalista, que estuda no seu gabinete um mineral desconhecido ainda, ou uma nova flor, espalhada entre as folhas de seu herbário.

Viveu nobremente, governou sabiamente, deixou o nosso paiz respeitado e unido, e morreu sem uma censura, sem um lamento quasi, como morrem os santos.

Bello Horizonte, 8 de janeiro de 1925.

GUSTAVO PENNA

AS SALAS DE LEITURA NOS GRUPOS ESCOLARES

UMA QUE VAE SER INAUGURADA NO GRUPO "BARÃO DO RIO BRANCO"

Em janeiro proximo, será inaugurada no grupo «Barão do Rio Branco» a sala de leitura «Dr. Sandoval Azevedo».

O acesso á referida sala será trançado, ás segundas quintas e sextas aos meninos e ás terças e sábados, ás meninas.

Haverá um registro no qual escreve o alumno seu nome, a classe e turma á que pertence, e compromettendo-se, ainda, a observar fidelmente, as seguintes clausulas:

- 1) Trazer as mãos limpas;
 - 2) Não estragar os livros;
 - 3) Virar as paginas com os dedos secos e sem a menor gota de saliva;
 - 4) Não incommodar os outros.
- Não converter na sala de leitura.
- Além de excellentes obras didacticas offercidas ao grupo por parte de alumnos, professoras e mais pessoas, conta a sala de leitura «Dr. Sandoval Azevedo» mais os seguintes livros:

LIVROS EDUCATIVOS E INSTRUCTIVOS

Coração, Edmundode Amieis;
Alma e coração, Hygino Amanojo;
Imitação de Christo, trad. de Alfonso Celso.
A retirada da Laguna, Vi conte de Tannay;
Céus e terras do Brasil, >>>
Atravez do Brasil, O. Bllac e Bomfim.
A alegria de viver, Orison Marden.
Se peritico em tudo o que fizeres, Orison Marden.

A arte de viver na sociedade, M. Amalia Vaz de Carvalho.

O valor, C. Wagner;
Vida simples, C. Wagner;
Collecção de livros de Samuel Smiles;
Os vegetaes, sua vida e utilidade, C. Souza Pinto.
Pão nosso, Trindade Keli;
A vida animal, Renato Keli;
As heronas do Brasil, General Carlos A. Campos;
Continentes e oceanos, V. J. C.
Grandes do Brasil, (Biographia) E. de Albuquerque;
Licoes de congas, Sathyr Sampaloo;
Criança, meu amor, Cecilia Werreles;
Quando veio o salvador, Dr. Donato (traducção de M. Mattoso Ribeiro).

Atlas de animaes brasileiros, R. von Ihering;
A arvore, Julia Lopes e Afonso Lopes;
Minha historia sagrada, (trad. de Carlos de Laet);
Pelo sertão, Hicazo Arinos;
Geographia Commercial, L. Xavier;

LIVROS RECREATIVOS

Os desastres de Sophia, Mme. de Segur;
As meninas exemplares >>>
As ferias >>>
Que amor de criança >>>
Pinocchio, Collodi;
O Guarany, José de Alencar;
Inocencia, Visconde de Tannay;

Uma família inglesa Julio Diniz;
Fidalgos da casa mourisca. >
Papulis do Sr. Reitor. >
A mulher forte, Abbadie Landriot >
D. Quixote da Juventude, (extracto da obra de Cervantes);
Formosa donzella, Walter Scott;
Mosteiro >
Cinco semanas em balão, >
As viate mil leguas submarinar, >
Viagem ao redor do mundo, >
A roda da lua, >
Miguel Strogoff, >
Ilha mysteriosa, >
Estrella do Sul, >
Cantor, Irmãos Grimm
Meu tio e meu cura, Jean de la Brét;
A cabana do Pae Thomaz, Bechti Stowz;
A filha do director do circo, Barthelemy de Brackel;
A casa do saltimbanco, Mme. de Stoltz;
O Robinson Smitro, Wisky;
Aventuras de Robinson Crusoe, Daniel de Foe;
Mysterio de Natal, Coelho Netto;
Apologos, >
O Iar, Miguel Milano;
Lendas de nozes indias, Brandenburgen
Eaplo, >
França, >
Portugal, >
Historia do reino encantado, F. Gimaldi;

Memorias de Lili, Emilia de Souza;
Theatro das crianças, Benedicto Octavio;
Carlos Góes;
Viagra Pontes;
Historias da Carochinha, Figueiredo Pimentel;

SECÇÃO PARA ALUNOS DE 1 ANNO E II
As peripécias da Aviação, André Hillé;
Saberei ler,
Historia de bonecas, Benjamin Costallat;
Os animaes divertem-se, B. Rabier;
Album de gravuras, Vaissagan;
Albums, Jordie;
Juca e chico, Burch, Versos de Fantasia;
Collecção da Bibliotheca Infantil, Arasido Barreto;
Dodóca, Dolores Barreto;
Juca Tutuzinho, Monteiro Lobato;
Jogos da infancia, Liv. Garnier Conejo Schmidt;
Cantor, Conejo Schmidt;

LIVROS DE POESIAS
Cões, terra e mar, Alberto de Oliveira
Poesias escolhidas, Affonso Celso;
Cariçoes, Gonçalves Dias;
Poesias infantis, Bilce e Coelho Netto;
Poemas e cariçoes, Vicente de Carvalho;
Os simples, Guerra Juazeiro.
Animaes nossos amigos, Antonio Lopes Vieira;
Fabulas de Bocage, (versos para crianças);

PREMIANDO O TRABALHO DOS PROFESSORES

OS QUE FORAM ELOGIADOS PELA SECRETARIA

É a seguinte a relação dos professores elogiados, no mez de outubro de 1925, pela Secretaria do Interior:

Por Portarias

DIA 1.º

- 1) Nair Arruda, do grupo escolar do Porto de Santo Antonio, municipio de Cataguzes;
- 2) Francisca Alrodina Ribeiro, de Timboré, municipio de Santa Rita do Sapucahy;
- 3) Fabiana Silveira, do Corrego do Sacramento, municipio de Ubá;
- 4) Reginalda Tafari, de Desterro do Mello, municipio de Barbacena.

DIA 3

- 5) Maria de Castro Campos da Cunha, Otília Simões, Maria Augusta Gualduppe, Amelia Ferreira, Maria Augusta Pamphilo da Cunha, Maria Christina de Freitas Ferreira, Celina Amelia de Rezende, Ruth Soares de Almeida, Aguida de Oliveira Campos, Conceição Klank Dias e Helena Rio Grande, directora e professoras do grupo escolar de S. João d'El-Rey.

262

Saldanha, Maria Augusta dos Santos Cançado, Maria Martins, Maria do Lourdes Morato, Maria Dolabella Portella, Yvone Guimarães, Maria da Conceição Menezes, Maria de Freitas e Irene Mourão Lopes Cançado, director e professores do grupo escolar do Pitangui;

DIA 30

- 11) Eduardo Daniel Ferreira Dias e Rita Candida da F. Dias, de S. Joaquim da Serra Negra, municipio de Altenas.

DIA 31.

- 12) Maria José de Oliveira, de Japão Grande, municipio de Oliveira.

Por Officíos

DIA 1.º

- 1) Juracy Antunes, Hilda Henrique de Carvalho e Olga Gadis, professoras do grupo escolar de Porto de Santo Antonio, municipio de Cataguzes;

DIA 3

- 2) Olivia Oliveira Campos, professora do grupo escolar de S. João d'El-Rey;

DIA 5

- 3) Joaquim da Silva Pereira, Ubalдина Pacheco, Regina Maria da Conceição e Eugenia Vidal Leite Ribeiro, director e professoras do grupo escolar de Passa Tempo.

DIA 8

- 4) Luiza Nogueira de Mendonça Baeta e Alzira Breyer, de Bicas;

DIA 13

- 5) Laudelina Pereira, de Bias Fortes, municipio de Barbacena;

- 6) Hilda Valério de Freitas, de Cardosos, municipio de Pitangui;

DIA 14

- 7) Augusto de Padua Rebelo Campos, Flavia da Costa Milogres, Herman Gabriel, Augusto Julio de Moraes Carneiro, Thereza Trifillio da Cruz, Barbara da Cruz, Maria Stella Furtado, Maria das Dóres Pires Leite, director e professores do grupo escolar de Guarará;

DIA 15

- 8) Alzira Mello, de Barroso, municipio de Tiradentes;

DIA 17

- 9) Maria de Almeida, Anna Viotti Nogueira de Sá, Etelvino Paiva Azevedo, Helena de Almeida Sobrinho, Maria da Conceição Mello, Emerenciana Ferreira da Silva, Maria José Azevedo, Helena Marques Peres e Anna da Rocha Campos, directora e professoras do grupo escolar de Jacutinga.

DIA 21

- 10) Nesia Franco, de Padre Gaspar, municipio de Tiradentes;

DIA 26

- 11) Maria da Silveira, da cidade de Rio Branco;
- 12) Renata Campos Figueira, de Bias Fortes, municipio de Barbacena;

- 13) Maria Barbosa Nogueira Cabral, de S. Joaquim da Serra Negra, municipio de Altenas;

DIA 27

- 14) Braz Baff, da cidade de Guaxupé;
- 15) Maria Stella dos Santos, de S. Francisco, municipio de Oliveira.

LIÇÕES DE LINGUA PATRIA

MARIA RITA BURNIER

2.º anno — 1.º semestre

Conversa com os alumnos, reprodução oral de historietas, descripção de gravuras como no primário anno:

Trabalhos escriptos baseados nos exercicios oras: formação de sentenças e sua combinação para compôr historietas, sendo transcritos no quadro por um ou mais alumnos os melhores trabalhos.

(DO PROGRAMA DO ENSINO PRIMARIO)

LIÇÃO 1.º

A gravura colorida pregada no quadro negro representa um velho trajado à moda dos nossos roceiros e apparentando, pouco mais ou menos, sessenta annos de idade.

263

Vejam como o velhinho é sympathico com a sua cabeça inteiramente branca e suas barbas alvas de neve! Os olhos azues, meigos, muito meigos, brilham ainda cheios de vivacidade. E que immensa bonidade ha em seu olhar franco e leal!

Apezar de contar sessenta annos de idade, é forte e activo o tio Joaquim.

Mora num pequeno sitio atraz daquella serra que vemos aliam, a serra da Saudade, é mal o seu desponha, lá está elle a tratar da sua chacara.

Rega d'aqui, planta d'aquelle, poda mais adiante, não pára, não sente fadiga, quando se vê afanado entre as arvores verdengas do seu lindo pomar.

E tem para isso gosto e arte o bom velhinho: no intervalo das arvores planta flores.

Ao pé das larangeiras viciosas carregadas de fructos cõr de ouro, das copadas mangueiras e vergas os braços so peso das mangas saborosas e perfumadas, das liméiras albotadas de fructos, florentinas, das liméiras albotadas de fructos, florentinas, dos perfectos dispostos em pequenos canteiros de formas variadas, e, junto a cerca que circunda o pomar, ha um canteiro largo e extenso, onde viciam rosas, dahlias, cravos, azéas, margaridas, angelicas e lirios.

Faz gosto ver-se o pomar do tio Joaquim! Que lindas flores! Que fructas deliciosas!

Tio Joaquim não tem familia; consagra toda a sua amizade ao seu cavallinho Rosilho.

E este parece comprehender a immensa affeição do velho; ao receber um agrado, uma caricia, curva a cabeça, encostando-a ao peito do dono.

Aqui vão os dois a caminho da cidade, a vender as fructas. Tio Joaquim leva estas flores para offerrecer aos seus bons freguezes.

Dentro de algumas horas, quando regressarem, os balaios estarão vazios, mas a bolsa do velhinho estará recheada de moedas.

Professora.— Quero ver, agora, qual de vocês saberá contar a historia do tio Joaquim. Falarão todos, mas um de cada vez, respondendo ás perguntas que eu fizer.

NOTA.— Si para o exercicio dos tests, que brevemente indelammas nestas lições, convem fazer com que o alumno dê respostas breves e rapidas, resumindo sempre, para o caso de não entender, propriamente dito, esse methodo não pôde ser empregado. É necessario que o alumno fale tanto quanto possivel. Os salicimos, as expressões defeituosas, os vícios de linguagem serão correctos, á proporção que forem empregadas. Convem dar com os alumnos, providencias para evitar lições, observará o professor os erros peculiares a cada um e procurará corrigi-los.

P.— Como se chama este velhinho? Responde, Lucia.

A.— Chama Joaquim.
P.— Sim, o nome é esse, m.s a phrase está muito errada. Quem poderia corrigi-la? (O professor deve encorajar-se muito no sentido de conseguir que os correctos sejam sempre feitos por um dos alumnos. Faz-se esse elle proprio sômente em ultimo caso.)

A.— Chama-se Joaquim.
P.— Muito bem, chama-se Joaquim. Quando queremos dizer o nome de alguma cousa ou de alguma pessoa, a phrase é sempre assim: elle se cha-

ma João; você se chama Lucia; aquelle menino se chama Francisco; eu me chamo Clara; tu te chamas Mario; esta rua chama-se S. Paulo. Vejamos si comprehenderão. Qual é o nome d'esta flor? (apontando as rosas da chacara).

A.— Chama-se rosa.
P.— E este cavallinho, que nome tem?

A.— Chama-se Rosilho.
P.— Isso mesmo. Então este velhinho chama-se Joaquim. (Indicando o quadro, os cartazes, o mappa, as janellas, etc., continar o professor a interrogar os alumnos para obter as respostas: chama-se, chama-se, chama-se, eu me chamo, etc.)

P.— Bem, continuemos. Que faz aqui o tio Joaquim? Responda, Carlos.

A.— Puxa pela rélea o seu cavallinho Rosilho.

P.— De que cõr são os olhos, o cabelo e a barba o tio Joaquim? Você, Lysio.

A.— Tio Joaquim tem a barba e os cabellos brancos.

P.— E os olhos? Que me dizem sobre a cõr dos olhos?

A.— Os olhos são azues e meigos.

P.— Foi justamente o que eu disse: os olhos são azues e muito meigos. A palavra meigos quer dizer ternos, expressivos.

E' bem velho o tio Joaquim: sua cabeça e suas barbas são brancas, branquinhas como... como o que, Julio?

A.— Como o algodão.
P.— Lauro.

A.— Como a neve.
P.— Foi por isso que eu disse barbas alvas de neve. (Falar sobre a neve, sobre a gele, gele artificial, sua fabricação e utilidade). Como eu dizia, o nosso bom amigo é bem velho. Quantos annos terá, Odetto?

A.— Tem sessenta annos.
P.— Quer isto dizer que já está fraco, tremulo, não? Que diz, Marietta?

A.— E' velho, mas é forte; trabalha muito.
P.— Agora pensam alguns minutos. Aquelle que eu arguir, dirá o que sabe a respeito do tio Joaquim. (Signal dos alumnos).

P.— Fale você, Carlos.

A.— Tio Joaquim mora atraz d'aquella serra. Elle se levanta muito cedo e vai para o quintal tratar do pomar. Elle gosta muito de flores. Elle não tem parentes.

Elle gosta muito do Rosilho.
P.— Repara Carlos, como é deslegante a sua linguagem!

Elle se levanta muito cedo... Elle gosta muito de flores... Elle não tem parentes... Repeti muito vezes a palavra elle e essa repetição é erro e torna a linguagem feia e desagradavel. Fica mais bonito dizer-se:

Tio Joaquim mora atraz daquella serra. Levantava-se muito cedo e vai tratar do seu pomar. Não tem parentes e gosta muito do seu cavallinho Rosilho.

P.— Quem mais quer falar sobre o tio Joaquim? (Signal dos alumnos) Você Djanira.

A.— Tio Joaquim vai na cidade. (O professor gritará o alumno, indicando-lhe os diversos motivos da serra. Agur, por exemplo, apontará os fructos e os fructos. E' claro que o alumno continar logo a narrar). Vai vender fructos e leva flores para offerrecer aos seus freguezes.

P.— E onde vai aos domingos, quando o sino repica alegremente na torre da capelinha?

Vai na igreja.
A.— Vai na missa.

P.— E quando está doente, onde irá buscar uma receita que o cure? Você Luiz!

A.— Vai ao doutor.
A.— Vai no doutor.

P.— Temos aqui cinco phrases muito erradas: tres da Djanira e duas do Luiz.

A.— Vai na pharmacia.
A.— Vai na reza.

P.— Mais phrases erradas. (Escreva no quadro as phrases erradas).

Vai na cidade.
Vai na igreja.

Vai na missa.
Vai no medico.

Vai no doutor.
Vai na pharmacia.

Vai na reza.
P.— Então nenhum de vocês sabe corrigir erros tão graves?

A.— Vai á cidade.
P.— Muito bem, Celina, é isso mesmo. Não se pôde dizer: vai na cidade. Até parece que o tio Joaquim anda trepado na cidade! Da mesma forma erradas são as phrases: vai na igreja; vai na missa; vai no medico; vai no doutor; vai na reza. O direito é assim: vai a igreja; vai á missa; vai ao medico; vai ao doutor; vai á pharmacia.

Comprehenderam? Vejamos.— Onde vai o tio Joaquim em companhia do Rosilho.

A.— Vai á cidade.
P.— E aos domingos, quando ouve o alegre som dos sinos?

A.— Vai á igreja! Vai á missa! Vai á reza!
P.— Quando está doente, onde irá elle buscar um conselho?

A.— Vai ao medico! Vai ao doutor! Vai á pharmacia!

P.— Agora, Djanira, vá ao quadro corrigir as phrases erradas. Escreva a phrase correcta á direita da phrase errada.

A.— (Escrevendo)

Vai na cidade — Vai á cidade
Vai na igreja — Vai á Igreja

Vai no medico — Vai ao medico
Vai no doutor — Vai ao doutor

Vai na pharmacia — Vai á Pharmacia
Vai na reza — Vai a reza

P.— O mesmo erro commette quem diz: chegar na porta, chegar na janella, chegar no portão. Deve-se dizer: chegar á porta, chegar á janella, chegar ao portão.

Bem. Agora quer compôr a historia do tio Joaquim com phrases formadas por vocês. Prestem toda a attenção. As minhas perguntas serão dirigidas a todos.

das a toda a classe. Quem couber responder, erga a mão direita.

Quem é o tio Joaquim? (Signal dos alumnos) Responda, Você, João.

P.— Você, Eduardo

A.— Tio Joaquim é um bom velhinho, que vive de vender as fructas do seu pomar. (Aqui o professor deve de conseguir que todos falem da classe respondendo, chamad o alumnus que houver dado o melhor resposeto, e mandará que elle a escreva no quadro).

P.— Vá ao quadro, Eduardo, e escreva a respoesta que deu.

A.— (Escrevendo).

Tio Joaquim é um bom velhinho, que vive de vender as fructas do seu pomar.

P.— Onde mora o nosso bom amigo? Responda, Celso.

A.— Mora muito longe, atraz da serra.
P.— Você, Eugenio

A.— Mora na serra da Saudade, em um sitio muito bonito, plantado de fructas e de flores.

P.— Vá ao quadro, Eugenio, e escreva a sua resposeta logo abaixo da phrase scripta pelo Eugenio. (O professor dictará a pontuação)

— O alumnus escreve).

P.— Qual é a familia do tio Joaquim? Você, Carlos.

A.— Elle não tem familia.
P.— Responda, Maurício.

A.— Tio Joaquim não tem parentes: sua unica familia é o Rosilho, que é um cavallinho muito manso e muito intelligente.

P.— Vamos, Maurício, escreva no quadro a sua resposeta, mas não escreva as palavras: tio Joaquim. Comece d'aqui: Não tem parentes.

A.— (Escrevendo).

Não tem parentes: sua unica familia é o resilho que é um cavallinho muito manso e muito intelligente.

P.— Veja lá, Maurício, todos os cavallos têm esse nome: Rosilho!

A.— Não, senhora, todos não.
P.— Então você deve escrever Rosilho com a inicial mauscula.

Letra inicial é a primeira letra de cada palavra.

Se o nome Rosilho pudesse ser dado a todos os cavallos, então, sim, seria scripto com a inicial minuscula.

O nome Carlos, por exemplo, não convem a todos os homens: convem, com a inicial mauscula. O nome Carlos se escreve com a inicial mauscula. O nome alumnus convem a todos os alumnos, logo se escreve com a inicial minuscula. O nome carteira convem a todos os carteiros, logo se escreve com a inicial minuscula.

Si o nome Brasil não convem a todos os paizes: convem unicamente á nossa grande patria, por conseguinte, se escreve com a inicial mauscula. Agora escreva: (dictando) Bernardo, menino, Carlos, Rosilho, livro, João.

O alumnus escreve.

Bem, apague essas palavras e continuemos. Em que se occupa o tio Joaquim? Responda, Lydio.

A.— Plantar arvores e flores.
P.— Que especie de arvores?

A.— Arvores que dam fructos.

P.—Sim, arvores frutíferas. As arvores que dam os fructos que tanto apreciamos, chamam-se arvores frutíferas.

Ainda uma vez: Em que se occupa o tio Joaquim?

Responda, Lucio.
A.—O velhinho planta arvores frutíferas e cultiva flores muito lindas e muito perfumadas.

P.—Escreva, Lucio, a sua resposta no quadro, abaixo das outras.

(O alumno escreve).
P.—Que faz o velhinho das fructas e das flores?

Responda, Lygia.
A.—Elle vende as fructas.

P.—Martha.
A.—Elle vende as fructas e leva as flores para os seus freguezes.

P.—Alvaro.
A.—Vende as laranjas, as limas e as outras fructas e oferece aos seus bons freguezes as rosas, as violetas e os myosotis.

(O alumno escreve).
P.—Vá escrever no quadro a sua resposta.

P.—São muito amigos, o velhinho e o Rosilho?

Responda, Alberto.
A.—Tio Joaquim gosta muito do Rosilho.

P.—Você, Laís.
A.—Tio Joaquim e o Rosilho são muito amigos.

Quando tio Joaquim faz um agrado ao Rosilho, o Rosilho encosta a cabeça no peito do dono.

P.—Não repita os nomes. Diga assi:—Tio Joaquim e o Rosilho são muito amigos.

Quando o velho faz um agrado ao cavallinho, escreva a sua cabeça no peito do dono. Termine desta fórma: parecendo comprehender e agradecer aquella immensa officio.

P.—Está completa, e escripta por vocês, a historia dos dois amigos, tio Joaquim e Rosilho; falta apenas o titulo, o nome. Como se chamará a nossa historietta? Todos podem responder.

A.—Historia do tio Joaquim!
A.—Historia do tio Joaquim e do Rosilho!

A.—Historia do velho e do cavallinho!
A.—Historia dos dois amigos!

P.—Estes nomes não me agradam. Vamos chamal-a:—

‘Tio Joaquim, seu pomar e seu amiguinho Rosilho’.

Escreva no alto do quadro, Lauro, o titulo.

O alumno obedece, ficando no quadro o seguinte: *‘Tio Joaquim, seu pomar e seu amiguinho Rosilho, Tio Joaquim é um bom velhinho que vive de vender as fructas de seu pomar.’*

Martha na serra da Saudade, em um sitio muito bonito, plantado de fructas e de flôres.

Não tem parentes; sua unica familia é o Rosilho, que e um cavallho muito moço e muito intelligente.

O velhinho planta arvores frutíferas e cultiva flôres muito lindas e perfumadas.

Vende as laranjas, as limas e as outras fructas e oferece aos seus bons freguezes as rosas, as violetas e os myosotis.

Tio Joaquim e o Rosilho são muito amigos. Quando o velho faz um agrado ao cavallinho, este encosta a cabeça no peito do dono, parecendo comprehender e agradecer aquella immensa officio.

P.—Agora vá todos copiar em seus cadernos de classe, e com muito capricho a historia do nosso amigo Joaquim.

Amanhã continuaremos a falar sobre o bom velhinho, suas fructas saborosas e suas flôres viciosas e perfumadas.

Nota—Na primeira lição destinada ao segundo anno, iniciaram os alumnos o estudo do substantivo e do adjectivo, tendo, atinda, como ponto de partida, a historia do velho Joaquim.

UMA LENDA INDIANA

A VINGANÇA DE ANHANYA

UMA corça vivia no seio umbroso e protector da floresta virgem, toda entregue aos cuidados do seu filhote, um meizo e galante veadhino, em cujos olhos, de um negro humido e velludoso, cheios de infinita ternura, ella toda se mirava num assomo de legitimo orgulho e de vaidade maternal.

Viviam tranquilos e contentes, inteiramente entregues á alezria de se pertencerem um ao outro, numma mutua troca de caricias, nem por sombras imaginando, na sua innocencia de bichos, que puzão podiam um dia brutalmente separar-se. E’ que commensuravam malhadade do bicho homem.

Um dia, um joven caçador indiano os surprehende nessa doce camaradagem e uma flecha certeira,

despidida do seu arco possante, vai prostrar por terra, mortalmente ferido, o innocente animalzinho. A corça fuge espavorida desaparecendo no recesso da floresta sombria e espessa.

— Espera, que te curo, disse comiso, referindo-se á corça fugitiva, o selvagem feroz. Disponho de um meio que não falla para obrigar-te a voltar e ter-te aqui, ao alcance da minha flecha. (E ensativagem implacavel germinava um plano diabolico, que poz immediatamente em execução). E cillo-a a martyrizor o pobre veadhino, insensivel aos seus lamentos lancinantes, capazes de enternecer qualquer coração menos empedernido e mais accessivel á piedade do que o endurecido coração do seu cruel algoz.

Com effeito a pobre mãe não ponde resistir por muito tempo aos apellos afflictivos do filho, tão violentamente torturado.

Não tardou, pois, que o selvagem percesse no matto proximo o rebolico de ramos cruaemente agitados, annunciando uma vinda precipitada.

O arco novamente se destene, uma flecha parte, siblando, e ouve-se no ponto alvejado o baque surdo de um corpo, enchendo de rumores estranhos a floresta.

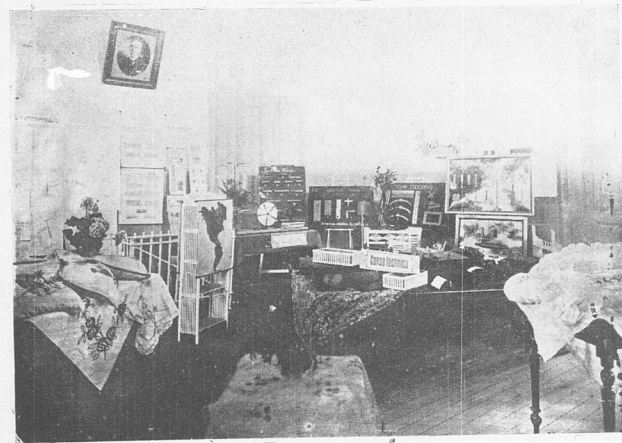
O joven selvicola precipita-se, radiante, prelibando o seu triumpho, para recuar, porfim, logo

depois, os cabellos hirtos, livido, transido de horror: Em vez da corça que esperava encontrar achava-se deante do cadaver de uma velha india da tribo o esse velha india... era sua mãe.

Anhanya vingava assim o pobre veadhino punindo severamente o seu implacavel perseguidor.

II.

Nota—Na Mythologia indiana, Anhanya é o Deus da Caça. O notavel indianista Couto de Magalhães attribue a essa lenda um fim pratico,—de impedir a destruição dos animaes da floresta, quando ainda muito novos.



Outro aspecto da exposição de trabalhos dos alumnos do Grupo Rio Branco

AS MENTIRAS INFANTIS

Tradução de JOSÉ ALTIMIRAS

(Continuação)

PRATICAS EXPERIMENTAES

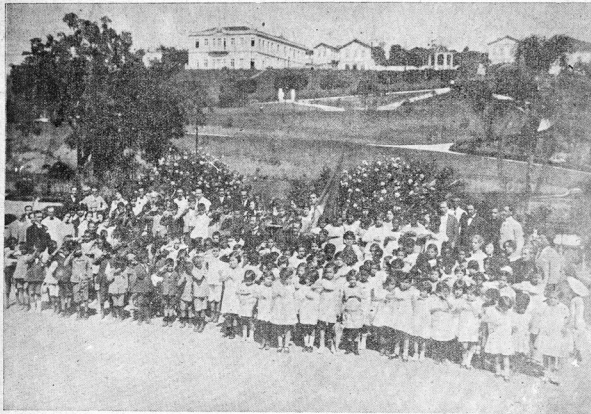
OS estudos feitos com o objectivo de indagar das causas que determinam a mentira nas creanças têm sido numerosos e variados.

Entre os investigadores que se ineburaram no estudo do assumpto, podemos citar Max Lobsien,

W. Stern e W. O' Kosog, cujos trabalhos se enveredaram, principalmente, a comprovar a frequencia dos testemuños falsos, prole de perecepções defeituosas, suggestibilidade e deficiencia de certas funções mentaes.

M. Brisson estuda a mentira de maneira mais geral e invade o campo da mentira consciente. Como exito de seus experimentos oferece uma classificação que fundamenta, aduzindo causas organicas e de accordo com o ambiente.

G. Stanley Hall, com o arrimo de quatro eximios mestres, faz um aprimorado estudo, e depois



Festa das Árvores, feita pelo Grupo Escolar de Cambuquira, no Parque, aos 21—IX—1925

de uma demorada analyse assigna sete categorias de ficções, especificando apoz conselhos particulares e educativos.

M. I uprat propõe engenhosa classificação das mentiras, dividindo-as em affirmativas e negativas. Nas primeiras predomina o elemento imaginativo caracterizado pela invenção, pela fraude e falsidade; a segunda classe abrange as mentiras por habito *per accidens*.

Nas escolas de Lodz (Polonia) o prof. Baumgarten realizou estudos formaes sobre as ficções infantis com o proposito de conhecer-lhes as causas, corrigil-as, enviando meios pedagogicos adequados. Feitas varias provas, resolve consideral-as como questões atinentes mais ao problema social do que á escola.

O aspecto peculiar das mentiras pathologicas foi tratado particularmente por M. Tobie Jonkheere e Demoor em suas notas sobre a psychologia dos retardados. Na conclusão dos trabalhos, estes auctores advertem o perigo que envolve o testemunho de tais individuos.

Miss Cash, em Londres, idéa um interrogatorio para descobrir o conceito da verdade nas creanças. No dito interrogatorio entra em jogo a reflexão para decidir da verdade.

Eis uma forma de assumpto para a experiencia: «Thomaz tinha um tio muito bom que a miúdo lhe dava presentes.

Um dia enviou-lhe o tio um quadro, tendo-o achado Thomaz muito feio. Quando vem o tio á tarde, perguntou-lhe: «Que tal é o painel que te hei mandado?» Que terias respondido em logar de Thomaz? Por que?»

Esta prova effectuou-se com 937 creanças das escolas pensionadas.

O resultado foi favoravel á verdade, com referencia aos meninos de 10 annos. A partir desta idade inicia-se uma baixa apreciavel, que continúa até os 12.

Aos 7 annos verifica-se o maximum da mentira, idade essa em que a proporção dos que mentem ascende a 35%.

Em Habana repetiu-se o experimento, porém, com 100 meninos e o exito attinge differenças consideraveis, porquanto, ao passo que em Londres, a verdade se manifesta dos 7 a 10 annos, em Habana, pelo contrario, ella é de 83% aos 7 annos, de 61% aos 10 e de 18% aos treze.

Empregando o mesmo methodo realizou-se segunda prova, com o fito de descobrir si a diversidade de causa produzia reardignos distinctos no tocante ao conceito da verdade no mesmo individuo, e com as 100 creanças reorganizou-se outra pesquiza, conforme o assumpto que segue:

«Um rapaz, jogando a pella, quebrou um vidro fino da casa de uma senhora de má indole.

Esta inquiria depois a cada menino que se passava pela porta: «De quem é esta pella?»

O resultado da referida inquiria convenceu de que os motivos que determinam a mentira dependem dos sentimentos predominantes das creanças.

A percentagem nestes caso é de 67% aos 6 annos, quasi, portanto, analoga á que na primeira experiencia se observou relativamente aos meninos de 10 annos.

GENERAL DADE

Des estudos realizados podemos inferir que todos os meninos mentem; que a mentira é habito adquirido que se transforma ao léo dos interesses infantis e que taes ficções offerecem formas peculiares e caracteristicas em cada idade e conforme o sexo, dependendo mui especialmente das relações passadas dos pequenos e da direcção dos paes e mestres. Póde-se affirmar que a mentira que na infancia nasce com a realidade natural e da falsa miragem, para mais tarde desaparecer com a experiencia, para mais tarde transfazer-se em mentira social e subtil, que vai se elevando firmemente a partir dos 11 annos até perder-se no periodo da mocidade.

Parece fóra de duvida que quando qualquer creança tenha que decidir entre a verdade e as conveniencias pessoais escolhe, ás mais das vezes, o

lado do menor esforço. Neste caso a verdade afugra-se-lhe uma resolução formal imposta, quer pelo temor ou por effeito de uma direcção vigilante que haja logrado gravar em seu entendimento, de modo decisivo, a aversão ao falso.

Os proprios brinquedos nos mostram que entre elles está sempre em evidencia a restricção da mentira, pois são regulamentados por condições prévias, accetis tacitamente affirm de que se tornem possíveis, e a infração das alludidas condições provoca sempre intimidações e attricções.

Daniel se segue que a mentira nos meninos é como offcidente de seus gostos que lhes ampara a conveniencia, e a verdade, em lucta com as satisfações naturaes, desempenha o papel de uma autoridade invisivel a quem obedecem por principio e não por inclinacão.

Todas as phases da influencia usam da mentira, accenando-se mais onde a verdade se manifesta em sua debilidadade, pelo que podesse aliviar reforçar esta energia para que se restempere a honr dez de caracter, factor capital de orientacão entre o bem e o mal e unico fricio para conter a mentira nestes periodos de confiança e de fé.

(Continúa)

Da Revista «El Monitor de la Educacion Común», de Buenos Aires.

PARA DAR UM FREMITO DE VIDA AO AMBIENTE ESCOLAR

DESCRIPÇÃO DE ALGUNS JOGOS INTERESSANTES

CONTINUAMOS a publicar a descripção de alguns interessantes jogos, proprios para os que frequentam as casas de ensino primario:

DECK TENNIS

O campo medirá 12 metros por 6, mas póde tambem ser adaptado ao logar onde se realizar a partida.

Materia: 1 argola, 1 rede, devendo o campo ser traçado. Tomam parte 4 creanças. Tira-se a sorte, para se ver a quem cabe o *sauve*.

Dado o signal, a creança encarregada de o fazer, alifará a argola ao campo adversario, do goal marcado. Quem a receber deverá jogar-a immediatamente ao partido contrario, só podendo se utilizar de uma das mãos. Si o adversario deixar que a bola caia, perderá 15 pontos e o outro continúa com o saque. Este é feito alternadamente, em cada partido. Os pontos continuam-se assim: 15 (1° victorio), 30 (com 2°), 40 e 50 — é uma partida ganha. Terá a victoria final quem vencer os 6 partidos.

NOTA. — Quando ambos os partidos já conseguirem 40 pontos, ha o que se chama *deuce*; só vencerá quem conseguir duas victorias successivas.

GRÃOS DE FEIJO

Dividem-se os alumnos em 2 grupos ou mais, que ficam de um mesmo lado da sala, perto de cadeiras, nas quaes haverá pires com grãos de feijão. Do lado opposto (2 a 3 metros de distancia), haverá um numero igual de cadeiras com pires vazios em cada uma. Ao signal dado, todos os meninos, com um canudo á bocca, procurar prender á sua extremidade (por aspiracão) os grãos (1 a 1) e transportal-os ao pires vazio. O grupo que passar maior numero de grãos no fim do mesmo tempo (3 a 5 minutos), vencerá a partida.

CURRIDA EM CARTEIRAS

Os meninos estão nas cadeiras. Cada fila é um partido. Numeram-se. Dado o signal, o n.º 1 de cada partido sae pela direita, vai ao fim da sala, pela direita, volta, toca na mão do 2.º e est., por sua vez faz o mesmo movimento, isto é, sae pela direita, faz volta e toca na mão do 3.º. Concinda assim, até que todos tenham feito volta pela sala. O partido que terminar em primeiro logar será o vencedor. Os partidos podem representer-se unções, com bandeiras ou ritos. O concurso deve ser feito em filas alternadas, por exem, lo entre 1 e 3, 2 e 4, etc.

Verde e amarelo.

Os alumnos ficam sentados. Na sala haverá 4 goals, um em cada canto, dos que ficam á frente, será um do partido verde e outro do amarelo; os de traz terão á disposição symetrica. Os partidos distribuem-se assim: a 1.ª fila é do Verde, a 2.ª do Amarelo, a 3.ª do Verde, a 4.ª do Amarelo, etc. Dado o signal, o professor joga a bola ao centro. Cada team procura jogar a bola em seu goal, conservando os meninos sentados. Os outros procuram desviar-a o mais possivel, para não a deixarem cair no goal.

O partido que conseguir maior numero de pontos, vencerá.

BOM DIA

Os meninos formam-se em circulo. Um, ao centro, tem os olhos vendados. Todos põem-se em movimento. Dado o signal, param. Um se aproxima do centro e diz: - Bom dia, F... - este, pela voz, deverá reconhecer quem o chamou e responderá: - Bom dia, X..

Si acertar no nome, passará á roda e dará ao que o cumprimentou o lenço que lhe vendava os olhos.

ZIG-ZIG

Formam-se 4 filas com os alumnos; estes se numeram assim: de um lado ficam os pares e, do outro, os impares. Á frente de cada partido haverá um cesto, um para cada. Dado o signal, o numero 1 passa a bola ao 2, este ao 3, ao 4, etc. O ultimo levará a bola ao cesto. O que o fizer em primeiro 1 2 jogar, fará 2 pontos. O partido que conseguir 10 pontos será feito, a principio, de 5 em 5, sendo depois 3 e depois 2, um para cada partido. Também joga-se com 9 ou 10 sacos de feijão.

REINOS DA NATUREZA

As creanças sentam-se em circulo. Ha um lenço: este é atirado para alguma que, ao recebê-lo, antes da que o atirou contar até 10, dirá o nome de um mineral, vegetal ou animal, conforme a ordem que recebeu.

Assim continúa...

NOTA: — Podem ser escolhidos nomes de Estados, capitães, cidades, etc., para desenvolvimento do ensino da Geographia.

A pessoa que não responde direito pôde ganhar prenda.

RELAY

As creanças formam-se em 2 filas. Dado o signal, as duas primeiras, por cima da cabeça, passam a bola aos outros. As duas ultimas recebem-nas, chegam á frente e passam aos outros, por entre as pernas a bola que receberam.

Assim continúa. A fila que terminar primeiro, vencerá. Cada creança, na fileira, deve receber a bola, quando está passando por cima da cabeça.

ESTATUA

Formam-se todas as creanças no fundo do pato, excepto uma. Esta ficará á frente, de costas e dirá aos outros: Posso ir ?

Quantos passos ? As outras responderão: 10 !

O da frente contará: 1, 2, 3... 10.

Á hora em que disser 10, todos são obrigados a ficar na posição em que estiverem. Si algum sahir desta posição, precisa recommear.

Enquanto se contam os numeros todos procuram ir á extremidade do campo, devendo, porém, parar immediatamente, ao ouvirem a palavra dez.

A ultima a chegar será a pessoa na frente.

CENTER STRIDE BALL

Formam-se um circulo de modo que todos tenham as pernas separadas, porém, os pés tocando uns aos outros, para terem firmeza. Um, ao centro atira a bola para passar entre as pernas dos outros, o que cada um impede com as mãos. O que deixar a bola sahir do circulo, passará ao centro.

CENTER CATCH BALL

As creanças formam-se em circulo, devendo uma ficar ao centro. Dado o signal, umas atiram a bola ás outras, devendo, a que está no centro, procurar pegal-a. Si o conseguir, passará á roda. A que atirou mal a bola, passará ao centro. A distancia entre os jogadores deve ser de um metro ou mais.

Collocam-se as creanças nos diversos cantos da sala ou junto aos troncos das arvores do pato. Uma, ao centro, tem á mão uma bola. Dado o signal, as que estão do lado de fóra, procuram trocar seus lugares. O que está ao centro faz o possivel para lhes jogar a bola. Aquelle em que elle acertar passará ao centro.

Assim continúa...

Formam-se as creanças em circulo. Numeram-se. Dado o signal, uma, ao centro, atira a bola ao chão, chamando por um numero; este recebe a bola e diz: Alto ! A esta hora, todos que fugiram são obrigados a parar. O que apañar a bola, atira-a aos fugitivos, procurando acertar. Si tocar em algum, este passará ao centro e recommeará o jogo. Si não, a pessoa cujo numero foi chamado, passará ao centro e recommeará o jogo.

JACOB E RACHEL

Os meninos formam-se em circulo. Dois, ao centro (Jacob e Rachel) têm os olhos vendados. Dado o signal, Jacob diz: Rachel ? Ella responderá: Hein ? Jacob procura, então, approximar-se de Rachel, guiando-se pelo ouvido. Continuará chamal-a até conseguir prendê-la. Si o conseguir, invertem-se os papeis, isto é, Rachel passará a chamar Jacob, até prendê-lo ou quando elle conseguir, Rachel tornam-se Jacob e outra Rachel é escolhida.

JOGOS QUIETOS

As creanças formam-se em circulo, constituindo dois partidos, intercalados um no outro. Cada partido tem seu espaço de cor diferente. Dado o signal, umas atiram a bola ás outras, por ordem. A creança que deixar cair a bola, perderá um ponto para seu partido. Assim continúa.

NOTA: Depois de exercitados, pôde ser empregado maior numero de bolas.



Aula do Curso Fundamental da Escola Normal Medelo

A ORGANIZAÇÃO DOS MUSEUS ESCOLARES

Para que haja uniformidade na organização dos museus escolares, que se vão diffundindo por todo o Estado, publicamos hoje um plano de organização desses museus.

A Secretaria do Interior recommenda-a aos directores e professores, que nelle encontraram um paradigma na formação dos excellentes apparatus em boa hora introduzidos nas nossas casas de ensino.

E' o seguinte esse modelo a que nos referimos :

MUSEU ESCOLAR**Plano de sua organização**

- I. Leitura, escripta e lingua patria
 1. Cartões com palavras e syllabas, letras recordadas em papel ou cartolina.
 2. Modelos de escripta, perpendicular e inclinada.
 3. Gravuras suggestivas para exercicios de elocução.
- II. Arithmetica, geometria e desenho
 4. Cartá de Parker.
 5. Contador mecanico.
 6. Balança com uma collecção de pesos.
 7. Metro de uma peça, metro articulado, fita metrica.
 8. Metro quadrado, metro cubico.
 9. Trena, corrente metrica.

10. Litro, meio litro, decilitro, centilitro, millilitro;
11. Mappa de systema metrico.
12. Nivel e prumo.
13. Relogio escolar.
14. Collecção de moedas.
15. Mappa geometrico.
16. Solidos geometricos.
17. Transferidor, esquadro e compasso grande.
18. Estioio completo de desenho.
- III. Geographia e historia
 19. Tabeleiro de area.
 20. Planta e photographias do predo escolar.
 21. Planta da localidade escolar e vistas da mesma.
 22. Mappas e vistas do municipio da escola.
 23. Productos naturaes e industriaes do referido municipio.
 24. Mappa do Estado de Minas.
 25. Vistas de Belo Horizonte e de outras cidades mineiras.
 26. Mappa do Brasil.
 27. Vistas da Capital Federal e das capitães dos Estados.
 28. Mappas da America do Sul e da America do Norte.
 29. Vistas das principaes cidades da America.
 30. Mappas da Europa, da Asia, da Africa e da Oceania.
 31. Vistas das principaes cidades do mundo.
 32. Mappa-mundo, planispherio e panorama geographico.
 33. Globo geographico.
 34. Bussola.

35. Desenhos ou miniaturas de meios de transporte: cavallo, carros, bicycleta, motocycleta, bonde, estrada de ferro, automovel, canoa, barco, navio, submarino, aeroplano.
36. Objectos historicos da sede esccolar.
37. Retratos dos beneficeiros da mesma.
38. Armas e atenuellos dos indios.
39. Collecção de mapas historicos do Brasil.
40. Retratos de Pedro Alvares Cabral, Thomé de Souza, Mem de Sá, D. João VI e outros, vultos do periodo colonial.
41. Idem, da familia imperial: D. Pedro I, D. Pedro II, D. Izabel, etc.
42. Idem, dos membros do governo provisório.
43. Idem, dos presidentes da Republica.
44. Idem, dos presidentes do Estado de Minas.
45. Idem, de brasileiros benemeritos.
46. Idem, de estrangeiros notaveis.
47. Copias de quadros historicos, como «Descobrimento do Brasil, de Aurelio Figueiredo», «Primeira MI sa», de Victor Meirelles; «Os bandeirantes», de Bernardelli; «Grilto do Vajiranga», de Pedro Americo; «15 de Novembro», de Belmino de Almeida; etc.
- IV. Reino animal
48. Esqueleto de mamifero pequeno.
49. Couros, pelle, crina, cerdas.
50. Ossos soltos, dentes, chifres, conchas.
51. Escamas, penas.
52. Ovos e bicos de algumas aves.
53. Esqueletos de outros vertebrados.
54. Objectos fabricados de productos animaes, como bonecos, pentes, velas, etc.
55. Abelha, colmeia, mel, cera.
56. Bicho da seda e seus productos.
57. Pequenas collecções de insectos.
58. Ninhos, casa de joão de barro, caixa de maribondo, etc.
59. Quadros de anatomia humana.
60. Quadros da classificação dos animaes.
- V. Reino vegetal
61. Folhas e flores em herbario.
62. Collecção de sementes.
63. Amostras de madeiras.
64. Algodão, linho e cambama, fios e tecidos.
65. Trigo, qualidades, espiga, farinha, pão, massas.
66. Milho, qualidades, espiga, sabugo, farinha, fubá, farelo; milho.
67. Feijão, variedades.
68. Arroz beneficiado e em casca, farinha, fubá.
69. Mandioca e seus productos.
70. Canna e beterraba, seus productos.
71. Café, em coco, beneficiado, torrado, moído, amostras das diversas qualidades e tipos.
72. Chá, hermatte e cacaa.
73. Uva e seus productos.
74. Oliveira, azeitona, azeite doce.
75. Coco da Bahia.
76. Cravo da India, canella, herva doce, noz-moscada e baunilha.
77. Mamona e óleo de ricino, guaraná, ipécaacanha, jaborandi, salsa-parrilha, sabugueiro e quina.
78. Borracha, suas applicações.
79. Guta-percha, gomma arabica.
80. Incenso, benjoim e camphora.
81. Anil, capurros, camphoe, agário.
82. Junco, vime, piassava, taquara e bambú, suas applicações.
83. Fumo e seus productos.
84. Carnaubeira, farinha, cera, folhas, etc.
85. Bananeira, folhas, flores, fructas, farinha, etc.
86. Castanha do Pará.
87. Pinheiro, fructo, farinha, resina.
88. Sobreiro, cortiça, rolhas.
- VI. Reino mineral
89. Granito.
90. Marmore.
91. Argilla, telhas, tijolo.
92. Cal e areia.
93. Cere, cesso, cimento.
94. Carvão de pedra e seus productos.
95. Petroleo, gazolina, vaselina.
96. Sal.
97. Potassa, sabão, soda.
98. Graphite, lapis.
99. Ardósia.
100. Salitre, enxofre.
101. Ferro, aço e manganez, minérios e productos.
102. Cobre, zinco, chumbo, estanho, folha de Flandres, seus productos.
103. Ouro, prata, platina, aluminio, nickel.
104. Mercurio.
105. Imitações de pedras preciosas.
106. Objectos de louça, porcelana, vidro e crystal.
107. Ladrilhos, azulejos, mosaicos, telhas de asbesto.
108. Águas das estancias hydro-mineraes de Minas.
- VII. Physica
109. Alavanca.
110. Barometro.
111. Siphão.
112. Manometro.
113. Bomba aspirante-premente.
114. Thermometro.
115. Alambique.
116. Lente.
117. Disco de Newton.
118. Corneta acustica.
119. Iman.
120. Pilha electrica e pequenas lampadas para experiencia.
- VIII. Hygiene
121. Cartões contendo preceitos de hygiene.
122. Quadro dos deveres hygienicos do alumno.
123. Idem, sobre o cuidado dos dentes.
124. Idem, sobre o exame da vista.
125. Quadros sobre o valor nutritivo dos alimentos.
126. Quadros sobre o valor nutritivo em casos de c-a-dente.
127. Idem, sobre transmissão de molestias pelas moscas e mosquitos.
128. Amostras de filtros para agua.
129. Desinfectantes mais usados.
130. Vistas do Instituto «Oswaldo Cruz?», e de outros estabelecimentos congenes.
- IX. Trabalhos manuaes
131. Modulos de dobramento, corte e recorte de papel.
132. Tecidos de papel e de fibras.
133. Trabalhos de cartongem.
134. Collecção de nós e laçadas.
135. Idem, de trabalhos de arame.
136. Idem, de trabalhos de modelagem.
137. Amostras de adubos chimicos para horfia.
138. Ferramentas e machinas de lavoura, em miniatura ou em gravura.
- X. Educação moral e civica.
139. Quadro dos deveres do alumno.
140. Bandeira Nacional.
141. Bandeiras de nações estrangeiras.
142. Armas da Republica.
143. Armas do Estado de Minas.
144. Cartões de instrução moral e civica.
145. Retratos dos grandes educadores: Pestalozzi, Hebart, Fröbel, Horacio Mann, Spencer, Sarmento, Montessori, C. Wagner, etc.
- XI. Exercícios physicos
146. Quadros das posições correctas e incorrectas de gymnastica.
147. Collecção de halteres.
148. Utensilios para «volley-ball» e outros jogos.
- XII. Canto
149. Hymnario Escolar.
150. Diapasão.
151. Retrato de Francisco Manoel da Silva, auctor do Hymno Nacional.
152. Retratos de Carlos Gomes e de outros compositores brasileiros.
153. Idem, de compositores estrangeiros notaveis.